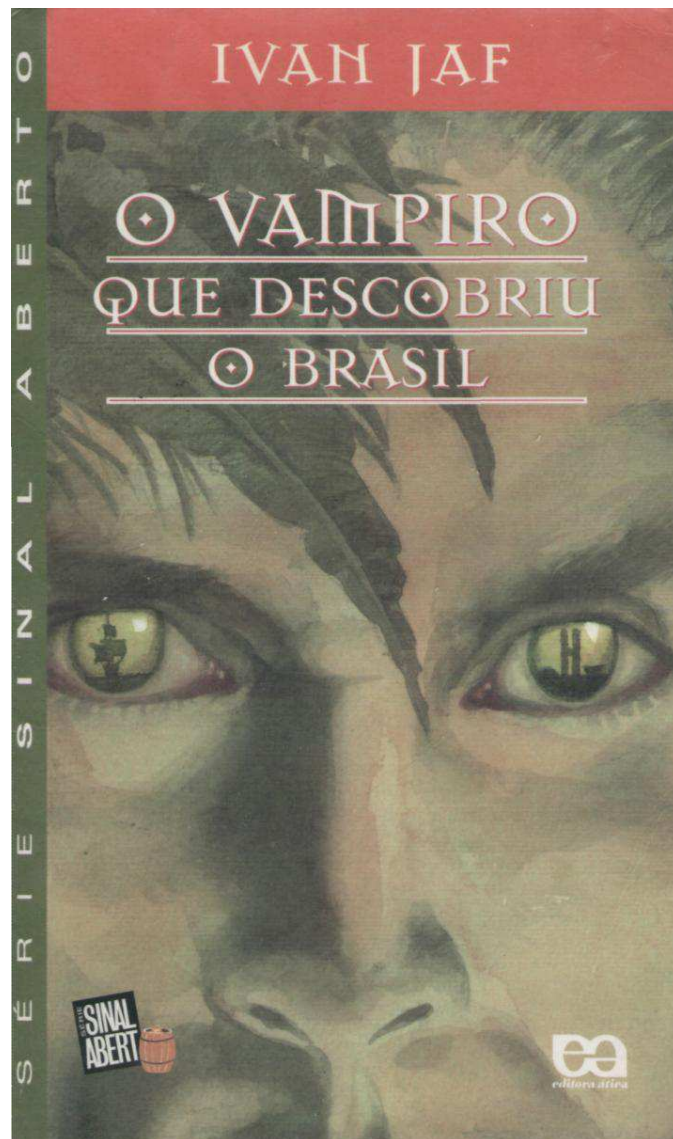




Antônio chegou ao Brasil junto com a esquadra de Cabral. Mais que um tripulante clandestino, ele era um vampiro português! Ao longo dos séculos participou dos grandes momentos de nossa história e se meteu em muita confusão. Tudo na tentativa de recuperar sua mortalidade.

Depois de presenciar corrupção, desmandos e muita trapalhada dos poderosos, ele definitivamente não queria ser imortal.

Uma visão irreverente do nosso país, num misto de realidade e ficção, que vai fazer você encarar o Brasil de um jeito diferente...

Lisboa, fevereiro de 1500. Antônio é mordido no pescoço e se transforma num vampiro. Inconformado, descobre que para desfazer a maldição terá de reencontrar seu agressor, que está justamente entre a tripulação de Pedro Álvares Cabral! Decide, então, embarcar como clandestino naquela esquadra e recuperar sua mortalidade.

Enquanto procura o vampiro que o atacou, e que pode estar no corpo de qualquer um que ronde o poder, Antônio se mete em muitas confusões e acompanha, desconfiado, o surgimento de um novo país.

1 - Vinte e nove anos de bacalhau

Pensando no que lhe aconteceu nos últimos quarenta e nove anos, Antônio Brás concluiu que a vida eterna não valia uma lasca de bacalhau frito no azeite.

Como aquelas que preparou na noite de 20 de fevereiro de 1500, para depois que fechasse sua tasca, na praça principal de Restelo.

O movimento aumentara muito naquele pequeno ancoradouro, a pouco mais de uma légua de Lisboa, desde que o navegador Vasco da Gama tinha voltado, oito meses antes, com a notícia de que afinal encontrara um caminho marítimo para as Índias.

Desde então, abastecia-se ali a maior armada portuguesa de todos os tempos. Dez naus e três caravelas, dispostas a voltar e impressionar os hindus, com armas, ouro e capitães de linhagem nobre, conseguindo com isso o monopólio do comércio da região.

Antônio não se importava com nada daquilo. Sobre política, bastava-lhe saber que o rei chamava-se D. Manuel, o Venturoso, e que não devia falar mal dele.

Nem tinha tempo. Trabalhava desde os primeiros raios de sol até o último freguês ir embora, tarde da noite. Só então fechava a porta e sentava-se com uma caneca de vinho tinto rascante e uma panela de lascas de bacalhau.

Mas, naquela noite fria de final de inverno, um único homem permanecia sentado, calado, com uma expressão furiosa, e não havia meio de ele ir embora.

Ele o teria despachado, nem que arrastado pela barba, mas soube que se tratava de um famoso e respeitado comandante de

caravelas, com várias viagens às feitorias das costas africanas e muitos serviços prestados à Coroa.

Acabou tomando coragem e informou:

— Senhor... estamos a fechar.

O comandante o olhou com raiva, os olhos se transformaram em duas bolas vermelhas brilhantes, a boca se abriu e os dois caninos superiores cresceram.

Antônio ia dizer que tudo bem, podia ficar mais um pouco, mas o homem avançou em sua direção e o prendeu num abraço apertado.

Achou que o sujeito era só mais um maluco, como tantos que apareciam por ali, e ia amassar aquela cara estúpida com uns bons socos... mas então sentiu a dentada no pescoço.

Tentou se desvencilhar. Não pôde. Os caninos furaram sua pele. O sangue espirrou, escorreu por seu ombro.

Enquanto era sugado, a dor passou. A sensação de dormência tomou seu corpo. No silêncio, seu coração batia no mesmo ritmo do outro, como o eco de um tambor. Viu pedaços de sua vida, imagens da infância, seus pais já mortos lavando o chão da casa... As pernas e braços balançavam, sem vida... Até ser solto, desabar nas pedras encardidas do chão e ouvir o bater de grandes asas se afastando na noite.

Abriu os olhos com dificuldade e viu o teto negro de fuligem do fogão a lenha. Custou uma eternidade para pôr-se de pé, escalando cadeiras e mesas, as pernas bambas se recusando a sustentar o corpo. Passou a mão no pescoço e sentiu os dois furos e o sangue coagulado.

Diabo de freguês maluco. Quem me manda traba-lhar num porto?

Fechou a porta, encheu a caneca de rascante e pegou uma grande lasca de bacalhau. Tomou um gole e mastigou.

Vomitou em seguida.

Antônio Brás faria trinta anos em breve. Comia bacalhau há vinte e nove anos e aquilo nunca havia lhe acontecido. Tentou de novo e mais uma vez vomitou.

A partida da grandiosa esquadra estava marcada para 8 de março. Filas intermináveis de carregadores entravam e saíam dos navios. Antônio não tinha tempo nem de se coçar. Passava os dias na tasca, ser vindo os fregueses, e tudo parecia normal, a não ser pelo fato de que não conseguia mais beber nem comer.

Sentia-se bem-disposto. Com energia demais até. Ia de mesa em mesa com uma velocidade espantosa, era capaz de ouvir vários pedidos ao mesmo tempo e chegava a adivinhá-los.

No terceiro dia após o incidente com o coman dante, com o sol já transformando em lama as últi mas neves do inverno, saiu para pegar uma enco menda de salame e voltou com a pele estranhamente empolada.

No dia seguinte, todo seu corpo doía e sentia-se muito fraco.

Depois que o último freguês se foi, encostou-se no balcão e percebeu que não respirava!

Uma ratazana subiu no fogão, atrás de calor e restos de comida. Voou sobre ela, agarrou-a com as duas mãos e mordeu-lhe a barriga.

O sangue inundou sua boca. Bebeu como pôde, rasgando-a cada vez mais com os dentes, e terminou torcendo-a como uma camisa molhada para sugar até a última gota.

A força voltou. E com ela a consciência do que acabara de fazer!

Correu apavorado para fora da tasca. Atravessou a praça deserta. Um vulto magro, com um longo manto negro, saiu de trás do carvalho, agarrou-o pelo pescoço e o arrastou tão rápido que pareciam voar.

2 - Imortal, nem morto

Quando abriu os olhos, Antônio estava sentado na terra úmida, com as costas apoiadas num imenso bloco de granito retangular.

Encostada em outra pedra a sua frente, uma sinistra figura, muito alta e magra, ombros curvados para a frente, olhava-o, calada. Seu rosto era branco como uma vela e o pouco cabelo que tinha parecia colado à cabeça por alguma substância gordurosa.

— Onde estou? — perguntou Antônio.

— Nos alicerces do Mosteiro dos Jerônimos de Belém — respondeu o outro.

— Queres dinheiro? Leva a bolsa. Mas deixa-me a vida.

— A vida? Será possível que ainda não entendeste?

— O quê?

— Não sabes que agora és um vampiro?

Antônio não se assustou porque não sabia o que era aquilo. Teve de ouvir as explicações. Não gostou nem um pouco.

— Estás a dizer que bacalhau nunca mais?

— É.

— Ah, não. De jeito nenhum. Que diabo está a acontecer? Quem és tu?

— Chamo-me Domingos. Vampiro também. Não concordei com o que o Velho fez a ti e resolvi ajudar-te.

— Estás a falar do maluco que me mordeu o pescoço?

— Aquele era só o corpo do comandante. O Velho é o vampiro mais poderoso entre nós. O único que consegue entrar num corpo humano.

— Não estou a entender...

— A alma do Velho se apossou do comandante.

— Ora pois...

— Pretendia pilotar uma das caravelas que está a ser preparada aqui em Restelo.

— E para quê?

— Queria tomar parte no que será uma grande conquista portuguesa: o monopólio do comércio com as Índias. É a mania do Velho. Participar dos grandes acontecimentos.

— Que mal pergunte, o que tenho a ver com isso?

— Nada.

— Nada?

— Só o azar de estar no caminho dele, justamente depois de saber que seu nome fora cortado. E que em seu lugar irá Vasco de Ataíde, um fidalgo sem nenhuma experiência no mar, mas de boa linhagem e irmão de um comandante já escalado, Pero de Ataíde. É sempre uma politicagem dos diabos... Ouviste o nome de quem escolheram para capitão-mor?

— Não sei nada dessas coisas.

— A nomeação saiu a 15 de fevereiro. É um tal de Pedro Álvares Cabral, outro sem nenhuma experiência, mas com fortes laços de família com a Coroa, e casado com uma das mulheres mais nobres e ricas de Portugal, neta do rei D. Fernando.

— Manda quem pode, obedece quem tem juízo.

— O Velho mordeu-te por pura raiva. Nem esta va com sede. Sugou só uma parte do teu sangue. Nem todo, a ponto de matar-te,

nem tão pouco, que te pudesses recuperar. E aí está, Antônio... agora és um dos nossos.

Domingos então ensinou pacientemente a Antônio o que era ser um vampiro, o que devia e não devia fazer, como se alimentar, os perigos a evi tar, os poderes adquiridos...

— Nunca mais vinho?

— Nunca.

— Bacalhau? Salame? Chouriço?

— Não mesmo.

— Então não! Nem morto! Quero ser como sempre fui. Há de haver um jeito.

— Não há. Conformate.

Antônio insistiu, insistiu tanto que o outro revelou:

— Só existe uma maneira de reverter a maldi ção, mas tu não tens a menor chance contra o Velho.

— Dize, pois.

— Precisas espetar uma estaca de carvalho no coração do vampiro que te criou e aspirar as cinzas em que seu corpo se transformará. Ao diabo!

E sacudiu o manto negro na noite, desaparecen do por entre as pedras.

A última semana passou depressa e obrigou Antônio a agir rápido.

Todos a sua volta só cuidavam da grande festa de despedida da armada de Cabral, marcada para o próximo domingo, quando todas as atenções da Europa estariam voltadas para lá. Com o sucesso daquela missão, Portugal se consagraria como a maior potência econômica do Ocidente.

A Ermida de São João, às margens do rio Tejo, fora luxuosamente decorada, com um imenso toldo à direita do altar. Estava pronta para receber o rei D. Manuel, os representantes do clero, os capi tães da frota, os banqueiros e nobres que financiam a viagem e os representantes da Inglaterra e de Gênova. E também para ser vista e comentada pelos espiões espanhóis e venezianos.

A população de Lisboa, umas sessenta mil almas, viria em massa. Muitas pessoas já chegavam, improvisando barracas, estendendo panos para dividir o pão e o vinho, espalhando-se pelas praias e colinas de Belém.

Antônio evitava sair de sua tasca durante o dia. O mais fraco raio de sol feria-o como uma navalha.

Na noite seguinte ao encontro com Domingos, cortou a ponta de um galho do carvalho da praça e fez uma estaca, com dois palmos de comprimento. Saía com ela após o trabalho, escondida sob o peso do casaco de couro, e caminhava ao acaso pelas vielas escuras junto ao cais, tropeçando em bêbados e pedras mal assentadas, amaldiçoando o Velho.

Procurou-o em vão até a sexta-feira.

Como Domingos havia explicado, a transformação seria lenta mas irreversível. Em poucos dias teria todas as características dos vampiros. A pele completamente branca, a necessidade de sangue fresco pelo menos duas vezes por semana, a ausência de respiração, os instintos aguçados de um lobo e a aversão total à luz do sol.

Como vou explicar isso à mulher e aos garotos?

Seria impossível encontrar o Velho no meio daquela multidão, ainda mais sem saber em que corpo se enfiaria. A única pista: ele queria estar no corpo de alguém importante, nos momentos históricos decisivos.

O gajo então vai estar junto ao Cabral!

No dia seguinte fechou a tasca, meteu-se num barril de vinho bem lacrado e despachou a si mesmo para a nau-capitânia.

3 - Problemas na saída

Antônio Brás tinha tanto medo do mar que só no terceiro dia de total pavor lembrou-se de que agora era imortal.

O tempo frustrara os planos de D. Manuel. Depois da solenidade, um vento do Sul impediu que a esquadra zarpassse, o que só aconteceu no dia seguinte, 9 de março de 1500, quando a maioria das pessoas já voltara ao trabalho.

Foi melhor assim. Não assistiram ao triste espetáculo sobre os navios. Logo ali, na barra do rio Tejo, as ondas provocaram os primeiros enjôos na tripulação, a maior parte recrutada no campo, sem falar dos fidalgos e religiosos, gente de terra que, naqueles primeiros momentos, já devia estar arrependida de ter se metido naquilo.

O problema era sobreviver. As naus e caravelas, como cascas de nozes sobre o oceano desconhecido, balançavam para todos os lados... mas nem precisavam afundar para matar seus tripulantes. Morria-se de tudo ali dentro. Doença, briga, intoxicação, desespero, tédio, loucura. Ninguém tomava banho. Vomitavam, urinavam e defecavam por toda parte.

A água se tornava intragável. As comidas apodreciam. Só duas coisas ajudavam a enfrentar tudo isso: a ambição do lucro e a cota diária de litro e meio de vinho.

O vinho era tão importante que se media a capacidade dos navios pela quantidade de barris que cabiam nele.

A nau-capitânia, a maior da frota, tinha uma capacidade de 250 toneis. Dentro de um deles, abraçado às canelas e com o rosto enterrado entre os joelhos, Antônio maldizia seu destino.

Acontecer isso logo comigo, que amava a vida, que gostava do sol e adorava minha mulher, meus filhos, pre suntos, vinho, tremoços...

Mas a esperança de resolver tudo rápido e voltar o consolava.

À noite, quando aquela maldita dormência dei xava seu corpo, esticava-se e circulava pela nau, nas roupas roubadas de um marinheiro. Era tanta gente, e tão grande o movimento, que ninguém o notava. Tomavam-no como um marujo do turno da noite e, de tão enjoados, havia alguns até mais pálidos do que ele.

Perambulavam por ali oitenta marinheiros, setenta soldados e trinta e três passageiros, entre serviçais, degredados, intérpretes e religiosos, além dos sete besteiros da guarda pessoal de Cabral. Cento e noventa corpos onde a alma do Velho poderia estar escondida. Ou melhor, cento e oitenta e nove. Aos primeiros raios de sol do terceiro dia encontraram um grumete entre os cordames, com um talho no pescoço e sem uma gota de sangue no corpo.

Ele está a bordo!

Tantos mistérios cercavam a humanidade então que ninguém perdia muito tempo tentando explicar as coisas. Embrulharam o rapaz num pedaço de vela suja e o jogaram ao mar.

Mestre João, um galego misto de médico, cirurgião, físico, artista, astrônomo e astrólogo, diagnosticou anemia profunda provocada pela sangria do corte no pescoço, na certa resultado de uma briga. Mas, quando lhe perguntaram onde diabos estava o sangue, sacudiu os ombros, disse "sei lá" e foi tomar uma bagaceira

com seus amigos letrados, futuros escrivães para as feitorias da África.

Antônio começou a desconfiar que o Velho estava no corpo do tal Mestre João.

É mesmo possível, pois. Quem mais? Marinheiros, soldados e besteiros não são importantes. Serviçais e degredados, muito menos. Escrivães e intérpretes, pode ser, mas ficarão pelo caminho. Os homens da Igreja, nem pensar. Do lado de Deus, sempre cercados de cruzes... Quanto a Cabral, esse não mesmo.

Domingos explicara que o Velho não costumava ocupar o corpo de grandes personalidades, para não ficar em evidência demais e arriscar ser descoberto.

4 - Depois do fim do mundo

Duas coisas Antônio decidira: nunca se ali mentar de sangue humano nem dormir em caixão.

Se não quero ser um vampiro, o melhor é não fazer como eles.

Por isso continuou a passar o dia entalado no barril e, à noite, chupava o sangue das ratazanas que infestavam o porão.

Vidinha miserável.

A tripulação subalterna não passava muito melhor, obrigada a comer diariamente meio quilo de biscoito duro, salgado, mofado, fedorento e com as bordas comidas por baratas.

Os dias foram passando.

De Lisboa, tomando o rumo Sul-Sudoeste, chegaram às ilhas Canárias a 14 de março de 1500. No dia 22 atingiram o arquipélago de Cabo Verde.

Durante a noite uma das naus desapareceu. Antônio teve certeza de que o Velho a afundara, matando cento e cinquenta homens apenas para se vingar de seu comandante, Vasco de Ataíde.

No dia 29 de março enfrentaram uma calmaria que durou dez longos dias. As provisões de água e comida foram acabando.

O Velho aproveitou para matar um besteiro e dois soldados. Ninguém se importava mais. Foram atirados para fora da nau junto com outros, vítimas de escorbuto e diarreia.

Os religiosos tentavam levantar os ânimos rezando missas no convés e improvisando encenações sacras, a que ninguém queria assistir.

Foi durante aquela calmaria, jogando cartas escondido dos padres, que Antônio aprendeu a profissão que exerceria nos cinco séculos seguintes.

No dia 9 de abril, após as embarcações cruzarem a linha do Equador, os ventos voltaram a soprar e, para espanto de todos, Cabral ordenou que embicassem para Sudoeste, saindo da rota.

O resto da frota o seguiu. As tripulações ameaçavam se rebelar. Cabral não inspirava confiança. O pavor se espalhou.

Antônio, como a maioria, achava que a Terra era reta e que, se fossem se afastando muito para o lado, acabariam caindo da borda. Lá se sabe onde.

Ouvindo Mestre João tentar convencer vários grupos de marujos aterrorizados que não, que a Terra era redonda. Mas quando perguntavam como é que as pessoas podiam viver de cabeça para baixo ele não sabia explicar.

O gajo está calmo porque, como os morcegos, pode ficar pendurado pelas pernas.

Antônio cada vez tinha mais certeza. Com a desculpa de estudar o céu abaixo do Equador, Mestre João passava as noites no

convés, e a toda hora chamava a atenção para uma nova constelação em forma de cruz, como se tivesse medo dela.

Vigiava-o no silêncio da noite, vendo as tochas que assinalavam o resto da frota, esperando a oportunidade para apanhá-lo.

A 21 de abril cortaram imensos tapetes de algas. A 22, gaivotas emporcalharam as velas. À tarde, o vigia na cesta da gávea gritou:

— Terra à vista!

Um dos problemas em ser vampiro antes da invenção da luz elétrica é que a maioria das coisas importantes acontecia de dia.

Quando Antônio saía do barril, encontrava a tripulação já de volta, agitada pelos mais espantosos acontecimentos. A chegada a uma terra estranha, com um povo de pele marrom, limpos e felizes, cobertos de penas coloridas, pintados, andavam nus e conversando com as aves. Mulheres lindas, peladas, com ossos espetados na boca. Gente que cuspiam o vinho e temiam as galinhas.

Antônio só via de amurada o contorno de uma grande montanha arredondada.

Frei Henrique Soares de Coimbra, que comandava os sacerdotes a bordo da nau-capitânia, rezou uma missa na sexta-feira, dia 1º de maio, véspera da partida. Antônio desesperava-se de curiosidade. Naquela noite roubou em silêncio um bote e foi remando conhecer a grande ilha que já chamavam de Terra dos Papagaios.

A tripulação de quase todas as naus e caravelas estava ainda por lá, espalhada pela praia. Viu a grande cruz de madeira e as tochas espetadas na areia, as fogueiras assando peixes e raízes, e ouviu a cantoria bêbada.

Sentiu sede. Farto das ratazanas, entrou na mata exótica atrás de um bicho diferente.

A escuridão da lua nova não ajudava, mas seu olhar aguçado de vampiro afinal viu um estranho animal preto, com asas enormes e qua tro pernas.

Chegou perto, em silêncio, e, escondido atrás de uma palmeira, entendeu.

Frei Henrique de Coimbra, com sua batina preta aberta, abraçava um índio por trás!

"O bom padre está a tentar pendurar um cru cifixo no pobre selvagem", pensou, mas nisso os dois se viraram e... não havia dúvida. O frade esta va com os dois enormes caninos cravados no pes coço do homem!

Perdeu um tempo precioso tentando se recu perar do susto, até tirar da cintura a estaca de carvalho e avançar.

Só aí se deu conta de que não sabia com certe za onde ficava o coração. Na pressa, acabou enter rando a estaca na barriga do vampiro!

O sangue espirrou. O índio rolou para ura lado, o frade para o outro, apertando a ferida e gri tando de dor.

Uma sombra então desprendeuse do corpo do religioso, alongada e negra, e parou diante de Antônio por uns instantes. Dois pontos de luz vermelha o encararam. Ouviu vozes se aproximando, atraídas pelos gritos de socorro do padre. A sombra rodopiou no ar e sumiu na mata.

Antônio compreendeu que ela era o Velho e que a alma do frei voltara ao corpo.

Pegou de volta a estaca de carvalho e entrou na mata escura.

5 - Topada eterna

Foi um começo complicado para Antônio. Segundo Domingos, quando um vampiro criava outro encarregava-se também de sua educação. Ele, no entanto, fora abandonado à própria sorte e esta va numa terra desconhecida, a sete mil quilômetros de casa.

Ao voltar à praia, depois de passar a noite na mata procurando o Velho, viu a armada de Cabral levantando âncora. O sol ameaçava nascer. Por sorte encontrou outro barril vazio jogado na areia e teve tempo de entrar nele para passar o dia.

Estava preso ali, mas com certeza o Velho tam bém. Que lugar era aquele? Na certa, uma ilha. Havia tantas pelo caminho. Canárias, Madeira, Açores, Cabo Verde... Nas noites seguintes andaria por todo lado e haveria de encontrar o Velho, recuperar sua alma mortal e voltar para casa.

Mas precisava ficar mais esperto. Não podia des perdiçar oportunidades.

Como podia desconfiar de um frade?

Concluiu que, justamente por Portugal estam par o símbolo da cruz em tudo, das moedas às velas dos navios, os vampiros haviam se acostumado a ela. De qualquer forma, pelos atos que o papa e sua Igreja vinham praticando nos últimos mil anos, era provável que o Criador já não quisesse ter nada a ver com aquela gente.

Logo após o pôr-do-sol do dia 2 de maio de 1500, ele saiu do barril, espreguiçou-se e começou a mancar pela areia em direção ao nordeste.

Quando uma pessoa é transformada em vampi ro ela permanece com a mesma aparência física do instante em que foi mordida. O cabelo, a barba e as unhas, por exemplo, podem ser cortados, mas vol tam sempre ao comprimento de antes. Por isso,

Antônio cansou de maldizer a topada que deu com o dedão do pé direito no batente de pedra da porta da tasca, na noite de 19 de fevereiro de 1500. Por causa dela, entrou para a eternidade mancando.

Aprendeu isso sozinho, depois de esperar o dedo desinchar por quinze anos. Os imortais têm muita paciência.

São teimosos também. Custou a se convencer de que não estava numa ilha.

Parou centenas de quilômetros adiante, às margens de uma enorme baía, sem a menor ilusão de encontrar o Velho numa terra tão grande e misteriosa.

Viveu isolado numa caverna, na base de uma montanha de barro duro e vermelho, por cinquenta anos, aprendendo a ser vampiro.

Os caninos, por exemplo, não podem se juntar na veia da vítima, fazendo um buraco só, senão espirra sangue por todo lado. Eles têm pequenos furos no centro, da ponta até a raiz, e é preciso sugar por eles como se fossem canudinhos.

Fazendo isso com cuidado, era possível chupar o sangue de um animal sem matá-lo. Assim ele se ali mentou a partir de então em pacas, antas e macacos.

Quando a curiosidade sobre os seres humanos apertava, saía em excursões noturnas.

Aprendeu a fazer movimentos tão rápidos que se tornava invisível, e a pisar tão leve que não deixava marcas na areia. Dessa maneira podia entrar e sair das tribos e vilas sem ser notado. E assim se inteiraava dos fatos.

Depois de Cabral, os portugueses haviam retornado algumas vezes. Não raro ele via caravelas costeando o litoral para cima e para baixo.

Com os interesses voltados para o comércio com as Índias, um lugar tão fora de rota como aquele não mereceu muita atenção de Portugal. Vinham aqui apenas extrair a madeira utilizada como corante na manufatura têxtil, chamada de pau-brasil, conhecida dos europeus desde a época das Cruzadas.

Antônio lembrava-se dos primeiros tempos, quando os índios cortavam e levavam as toras verdes para as praias. Pilhas e pilhas em troca de ferramentas de metal.

Foi então que ouviu pela primeira vez a palavra *brasileiro*, o que comercializava o pau-brasil, e o nome Brasil ir aos poucos substituindo o oficial, Terra de Santa Cruz.

Aquela altura outras nações já chegavam às Índias regularmente. Portugal, perdendo o monopólio comercial na região, e com ele o poderio econômico e marítimo, percebeu que naquela terra exótica chamada Brasil, até então não aproveitada, estava a saída para seus problemas financeiros. Era preciso defendê-la.

Outros povos europeus já começavam a desembarcar por aqui, principalmente franceses. Os invasores ocupavam vilas, construíam fortes e aliciavam tribos.

A primeira providência do então rei, D. João III, foi a criação de um governo geral para o Estado do Brasil, unificando a administração.

Para isso, numa luminosa e quente noite de março de 1549, ancorou na costa brasileira uma armada composta por três naus e duas caravelas. Trazia escrivães, um provedor-mor, um ouvidor, vários funcionários públicos, padres jesuítas, quatrocentos soldados e seiscentos degredados, todos sob as ordens do primeiro governador-geral do Brasil, o fidalgo Tomé de Souza.

A tudo isso assistiu Antônio Brás, pois a armada aportou justamente na baía onde ele vivia.

Sua mulher já devia estar morta há muitos anos. Seus filhos, velhos demais para se lembrar dele. Nada prendia Antônio à humanidade, a não ser as saudades do vinho e do bacalhau. Pretendia esquecer tudo, e para sempre, em seu buraco úmido.

Mas a Coroa portuguesa resolveu fundar uma cidade no alto da montanha, de frente para a gran de baía, bem em cima de sua cabeça.

Primeiro botaram a mata abaixo e trataram de erguer uma grande e oval muralha de taipa, com canhões apontados para todos os lados. No interior traçaram ruas e praças, e ergueram prédios para a administração, casas e igreja. E tanta pressa tinham que nisso ajudaram funcionários, mulheres, crianças e padres, além dos escravos índios, caçados a laço nas aldeias próximas, e negros, trazidos como carga das costas africanas. E assim, em 1º de novembro de 1549, declarou Tome de Souza fundada a primeira capital do Brasil, e a chamou de Salvador.

Ora pois, isso que se está a fazer é uma coisa impor tante.

Passou a espreitar os poderosos que gravitavam em torno do governador-geral, na esperança de encontrar no corpo de um daqueles "homens bons", como eram conhecidos os integrantes da elite, fazen deiros, grandes comerciantes, fidalgos e clero, a alma vaidosa do Velho.

O tempo passou, porém, quase um século, e nada. Estava a ponto de desistir, conformar-se, quan do uma pista lhe foi dada pelo acaso.

Na noite abafada de 2 de maio de 1624, do alto do telhado da igreja, ouviu a conversa entre o bispo e um mascate que lhe vendia toalhas da ilha da Madeira.

— Já disse que não me importa o que acontece do lado de fora dessa muralha — dizia o religioso.

— Mas o senhor podia percorrer as tribos, levan do conforto à alma dos índios. Estão apavorados.

— Pois não sei nem se eles têm alma.

— Continuam a aparecer... chupados, sem uma só gota de sangue, e com dois furos na garganta.

— Eles criam seus demônios, depois que os atu rem. Deixe-me em paz.

Investigando, Antônio descobriu que dezenas de índios vinham sendo encontrados assim há meses, e que o rastro de mortes tinha uma direção: as vítimas recentes, sempre mais para o nordeste.

Continuas a ser o mesmo idiota, pois. O Velho estava por cá, mordendo o povo, e agora partiu.

Três noites depois deixou para sempre seu bura co na terra e foi atrás dele.

6 - Mordendo mula

Teve sorte.

Na madrugada de 9 de maio entrou na baía uma esquadra holandesa, com vinte e seis navios, quinhentos canhões e três mil e trezentos homens. Descarregaram toda sua artilharia sobre a cidade, numa tempestade de fogo e ferro, e a ocu param.

Os holandeses, fazia tempo dominavam o comércio na Europa, beneficiando e distribuindo as mercadorias que espanhóis e portugueses recolhiam e transportavam da Ásia, África e América.

Com o dinheiro, puderam aparelhar sua frota e então se perguntaram: por que não buscar eles próprios as mercadorias nas

fontes produtoras? Por isso, ataques holandeses à costa brasileira não eram novidade.

A ocupação de Salvador, no entanto, mostra uma nova fase. Já não se tratava mais de simples pilhagem. Queriam se instalar aqui.

Antônio não tinha ido longe.

Os índios espalhavam-se em pequenos grupos. Era impossível saber qual a próxima tribo a ser atacada pelo Velho. Ouviu comentários de mortes iguais entre os bandos de negros fugidos, mais difíceis ainda de encontrar.

Teve a idéia então de arranjar uma mula, vestir-se como um mascate e percorrer assim disfarçado a trilha oficial que o levaria a Pernambuco, a capitania mais próspera e importante.

Talvez o Velho esteja indo para lá.

Como mascate, percorrendo devagar o território, conversando com quem encontrasse, ficaria a par dos acontecimentos. Depois saberia melhor o que fazer.

A mula lhe foi muito útil. Além de mais cômoda do que mancar por centenas de quilômetros, duas vezes por semana chupava seu sangue. Depois a recompensava: dias e dias solta nos melhores pastos.

Pelo caminho, notou que a grande mata que se estendia por todo o litoral fora derrubada, e que em seu lugar agora havia um mato alto, com folhas finas e cortantes, e um caule comprido, de gomos coloridos. Esses caules eram cortados pelos escravos negros e prensados nas moendas dos engenhos. Do caldo produziam o que chamavam de açúcar, que servia para adoçar as coisas. E estragar os dentes das pessoas também, o que podia ser fatal para um vampiro.

Como mascate, mesmo explicando que no momento não tinha nada para vender, podia conversar com o povo da senzala e da casa-

grande, admirar a fartura dos senhores de engenho e se espantar com a crueldade com que tratavam os negros.

Desde essa época começou a se perguntar por que os brancos nunca produziam o que necessitavam, e sim o que interessava aos outros brancos que moravam muito longe dali. Um jesuíta que cruzou pelo caminho explicou que o nome disso era "pacto colonial".

— Aqui somos a Colônia. Portugal é a metrópole — disse ele, achando tudo muito natural. — Devemos vender nossos produtos para eles, e comprar os deles, mesmo quando for mais vantajoso fazer isso com franceses, holandeses ou ingleses.

— Continuo a não entender qual vantagem para nós, ora pois — confessou Antônio.

— Estamos aqui para produzir, não para concorrer. Assim se ajustam os interesses e a dependência mútua.

Antônio coçava a cabeça:

— Dependência mútua?

— Sim. Eles também dependem de nós, percebe? Não, Antônio não percebia nada, e tinha outras preocupações: encontrar o Velho, reaver sua alma mortal e passar o resto dos seus dias numa daquelas praias desertas, com uma bela índia, bebendo vinho e comendo salame.

Assim prosseguiu sua busca, lentamente, sem prestativo às notícias sobre novos corpos encontrados sem sangue.

Os imortais não têm pressa. Em lombo de mula, perdendo-se várias vezes pelas trilhas do sertão, passando meses num engenho, desviando-se da rota traçada para investigar as mortes em tribos e grupos de negros fugidos escondidos na mata, e tendo de passar os dias metido em algum lugar fechado e escuro, quase sempre covas

abertas na terra ao nascer do sol, Antônio levou seis anos para ir de Salvador a Recife.

Atravessou a foz do rio Capibaribe e chegou ao porto na noite de 14 de fevereiro de 1630. Antes de roubar uma pequena canoa para a travessia, despe diu-se da mula com um beijo entre os olhos e a deixou num pasto verdejante.

O céu já se enchia de manchas vermelhas, com os primeiros raios de sol, e teve de se enterrar fundo nas areias úmidas da margem do rio para passar o dia.

No meio da manhã a terra tremeu.

Seu corpo foi sacudido com violência, e ele des pertou, apavorado, pensando que haviam descoberto seu esconderijo e iriam matá-lo.

Embaixo da areia, sem poder abrir os olhos, continuou a ouvir as explosões violentas, por toda a parte, durante horas. Por fim sentiu pés. Milhares de pés correndo sobre ele.

Os vampiros têm uma espécie de relógio interno que indica quando a noite chega. No mesmo instante a dormência diurna abandona seu corpo e a força sobrenatural volta.

Quando isso aconteceu Antônio pulou desesperado de sua cova, correu para a mata como um raio manco e só parou entre as folhas de um coqueiro. Lá do alto, entendeu a situação. Uma grande esquadra aportara na costa, bombardeara Recife, desembarcaram milhares de soldados e lutava ainda para dominar Olinda.

Os holandeses.

Os gajos não desistem, pá.

Foi ver aquilo de perto.

Levou tiros, na barriga e nas costas. Os buracos cicatrizariam em poucos dias, cuspindo os peques nos grãos de chumbo, deixando a

pele branca sem marcas. Mas teve de roubar outra roupa, deixando num mascate cuja cabeça estava a muitos metros do corpo.

Podia ter escolhido outro disfarce, funcionário da Coroa, feitor, senhor de engenho... Cadáveres não faltavam, espalhados por todo lado, porém apegara-se à vida de mascate, que lhe dava acesso a todas as classes sociais.

Os portugueses resistiram por duas semanas, mas não puderam impedir a vitória de uma armada de cinquenta navios, mil e cem canhões e oito mil homens. E os holandeses conquistaram Recife e Olinda.

O governador, Matias de Albuquerque, teve tempo de fugir para o interior com os homens que lhe restaram. Atravessou o Capibaribe e sobre uma pequena elevação, instalou um acampamento denominado Arraial do Bom Jesus, com a intenção de criar um foco de resistência.

Isto que está cá a acontecer é importante, pois.

Resolveu estabelecer-se no acampamento para ver se o Velho aparecia.

7 - Traidor aos pedaços

A tática de guerrilha de Matias de Albuquerque consistiu em organizar grupos de emboscadas e espalhá-los em postos avançados pelo sertão, em torno da cidade, com a intenção de isolar os holandeses, cortando-lhes o abastecimento.

Não deu muito certo porque os invasores saíam pelo mar e assim conseguiam tudo de que precisavam, inclusive grande quantidade de caixas de açúcar, que continuaram a comercializar normalmente.

Enquanto não chegavam reforços da Espanha, como acontecera na expulsão dos holandeses de Salvador em 1625, o governador só contava com a eficiência dos capitães de suas milícias, espalhados pelo mato, em combates inesperados e fulminantes a todo holandês que ultrapassasse as muralhas fortificadas.

Numa dessas estâncias, noite estrelada, ao lado de uma fogueira em que se cozinhavam inhames e peixe, Antônio ouviu, de um negro, uma nova pista.

— Esses infiéis têm trato com o demo — dizia o escravo. — Isso é jeito de se matar um homem? Não soube do índio boiando no rio, com a garganta cortada e seco como um pedaço de pau? Agora me diga, pra que os gringos iam querer o sangue do pobre?

— É a primeira vez? — perguntou Antônio.

— Nada. Volta e meia aparece um dessangrado assim. É o que o padre falou mesmo. A religião deles é coisa do diabo.

A Igreja conseguia convencer índios e escravos a lutar ao lado de patrões que os chicoteavam, casavam, amputavam e quebravam seus dentes a marteladas. Só porque os invasores eram protestantes em vez de católicos. Antônio não compreendia.

Ficou alerta. O Velho estava por perto.

Foi ao local onde aparecera a última vítima. Um posto avançado, comandado por um mulato alagoano no chamado Calabar. Lá ficou, dentro de um buraco na terra durante o dia, rondando o acampamento como um morcego à noite, esperando.

Nada acontecia. Um ano se passou até que os espanhóis afinal aparecessem para ajudar. Chegaram notícias de um reforço de mil soldados para o Arraial do Bom Jesus. Mas os holandeses também souberam disso e atacaram a frota espanhola ainda no mar, numa batalha tremenda em que as armadas se destruíram entre si, e ninguém soube quem venceu.

Essa luta enfraqueceu os invasores, que já vinham sendo pressionados pela Coroa holandesa a vencer o cerco inimigo e se instalar definitivamente no Brasil, reorganizando a produção dos engenhos de açúcar.

Corpos murchos, com as gargantas cortadas ou furadas, apareciam com frequência.

Afinal, numa noite sem lua no começo de abril de 1632, pendurado no alto de uma palmeira, Antônio teve o segundo encontro com o Velho!

Estava bem embaixo dele, sugando o pescoço de uma negra.

Agora usava o corpo de Calabar.

Já desconfiava dele, por isso o havia seguido. Apesar da enorme força do mulato, nenhum humano poderia ter agarrado um touro furioso pelos chifres, como ele fizera na praça do Arraial, espantando a todos, revelando-se a Antônio por pura vaidade.

Desta vez tu não me escapas!

Agora já sabia que o coração ficava no canto superior esquerdo. A velha estaca de carvalho, porém, iria esperar para entrar em ação.

Vou te pegar dormindo, maldito!

Mas naquela noite Calabar não voltou ao acampamento.

Antônio não se preocupou muito porque os vampiros, quando chupam sangue, ficam eufóricos e agitados.

Além do mais o Velho, usando um corpo mortal, não se submetia a nenhuma das regras dos mortos-vivos. Podia andar por aí durante o dia, por exemplo. E dormir à noite. E respirar, comer, beber, fazer xixi e amar as mulheres.

Deve estar por aí, fazendo essas coisas.

Antônio se roía, de inveja e raiva.

Na noite seguinte ele também não apareceu, nem durante o dia, nem na semana seguinte. Foi considerado morto.

Enquanto isso os holandeses, numa súbita mudança de estratégia, deixaram a segurança quase inexpugnável de Recife e avançaram pelas trilhas do sertão, adivinhando as emboscadas, antecipando-se nos atalhos, aparecendo de surpresa nos postos avançados da guerrilha, tomando engenhos e destruindo as fontes de abastecimento de comida e água dos homens de Matias de Albuquerque.

Foram conquistando vila após vila. Igarapu, Rio Formoso, Afogados... E avançando, imbatíveis, instalaram-se em Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, ficando os senhores de toda a costa nordestina.

Não demorou para que o mistério se esclarecesse. Calabar passara para as tropas holandesas, revelando as posições inimigas, seus pontos fortes e suas fraquezas.

Antônio decidira nunca interferir na história da humanidade. Achava que, como imortal, não tinha esse direito, já que não podia sofrer as consequências de seus atos.

O diabo do Velho não pensa assim. E está a fazer uma bagunça danada.

Partiu rápido para as frentes de batalha, atrás de Calabar, mas, sempre chegando atrasado, ia testemunhando a formação da Nova Holanda.

Cansado, achou uma boa ideia voltar ao Arraial do Bom Jesus e esperar. Àquela altura, o último foco de resistência era uma ilha cercada de holandeses por todos os lados, sem água nem comida, com a população se alimentando de ratos para sobreviver.

Quando não havia mais ratos nem para Antônio chupar, o próprio Arraial foi invadido. Mas Calabar não estava entre as tropas holandesas.

Matias de Albuquerque fugiu para Alagoas. Antônio foi com ele.

No meio do caminho, um homem se apresentou ao estropeado governador e revelou que Calabar estava justamente numa vila próxima, Porto Calvo, sua terra natal.

Isso aconteceu durante o dia. Quando Antônio saiu de sua cova, aberta às pressas na terra fedorenta dos fundos de uma estrebaria, e correu para a vila, já encontrou Calabar amarrado a um tronco no meio da praça, cercado pelos populares, ouvindo sua sentença de morte.

Foi enforcado, esquartejado e seus pedaços espetados em varas para os urubus.

Nem um imortal resiste a isso, ora pois. O Velho deve estar longe. Escapou-me de novo.

8 - Vendo nuvens

Mais algumas décadas se passaram até Antônio voltar a encontrar pistas do Velho.

Os holandeses continuaram instalados no Nordeste, estendendo de Sergipe ao Maranhão o braço eficiente e lucrativo da Companhia das Índias Ocidentais.

A Coroa holandesa, satisfeita com o sucesso na América do Sul, nomeou um importante membro de sua nobreza, o príncipe Maurício de Nassau, para governar os territórios conquistados no Brasil. Vinha com poderes de soberano para acabar de uma vez com os focos de guerrilha restantes, reorganizar a produção de açúcar e recuperar a atividade dos engenhos abandonados.

Antônio presenciou a imponente chegada do príncipe e sua comitiva, na manhã calorenta de 23 de janeiro de 1637.

Sim, ele estava lá, é bem verdade que protegido pela sombra de uma mangueira, e vestido dos pés à cabeça. Mas desperto! Em pleno dia!

Aconteceu com ele o mesmo que com os vamps portugueses, que, no meio de tantas cruzeiras impressas em todos os lugares, deixaram de ser afetados por elas. Pois um vampiro nos trópicos, com o sol torrando a terra todos os dias do ano, acabou por se adaptar a ele e a suportá-lo.

Isso lhe trouxe uma grande alegria. Não podia comer, beber ou amar as mulheres, mas pelo menos dali em diante teria a sensação mortal de sentir o sol, de ver as cores, os pássaros, as borboletas e as nuvens. Estava farto de corujas, morcegos e pernilongos. E, melhor do que tudo, não precisava mais dormir em buracos na terra ou entalado em barris.

A luz do dia ainda o deixava sonolento, com o corpo dormente, mas até nisso sentiu-se igual aos outros.

Comprou uma rede preta, alugou um quarto numa pensão e passou os anos seguintes circulando entre os mortais, admirando o crescimento de Recife.

Vestiu-se como um holandês. As roupas proteíntes, pretas e com colarinhos e punhos fechados, vieram a calhar para um vampiro que ia aos poucos se acostumando com o sol. Para completar, um chapéu de abas largas. E nada disso roubado, porque, com a possibilidade de viver de dia, veio-lhe também a vontade de mudar, de se tornar cada vez mais humano. Pelo menos na aparência.

Agora ganhava dinheiro como jogador profissional.

Nos anos em que se vestia de mascate passa ra noites e noites em rodas de cartado, fingindo respirar e beber cachaça, com

feitores, funcionários públicos e senhores de engenho. Logo descobriu que podia usar seus poderes de vampiro para vencer: a leitura de pensamento, para saber o que os adversários tinham nas mãos e se estavam blefando; a rapidez de movimento, para trocar uma carta sem que eles vissem e a manipulação da vontade alheia, para que apostassem mais do que podiam.

Antônio se descobriu invencível em qualquer jogo que entrasse, e quase invencível nas apostas que não dependessem dele.

Em sua volta Recife crescia, pela intenção dos holandeses de erguer um marco da fundação de seu domínio político na América, e pelo delírio de Maurício de Nassau, criando a cidade de seus sonhos.

Mandou abrir canais, construir diques e aterros, plantar árvores, e transformou tudo num imenso parque. Traçou ruas, praças e amplas avenidas. Construiu seu palácio, com museu, biblioteca e sala de música. E lá fundou uma academia de artes e ciências, cercandose de artistas e intelectuais.

Antônio chegou a desconfiar que os delírios de grandeza de Nassau se davam por estar seu corpo ocupado pela alma do Velho, mas investigou muito e concluiu que não. Era o impacto que assistir ao surgimento de um novo país, numa natureza de sonho, causava nos estrangeiros e suas utopias.

Ali, em Recife, começou-se a falar na liberdade dos escravos e dos cultos, sem pensar em colocar essas idéias em prática, claro, porque ainda não interessavam a ninguém, a não ser às vítimas.

Os ricos e poderosos foram se mudando para lá. Senhores de engenho voltavam a produzir e a vender. Gente de toda parte, franceses, alemães, belgas, circulava pelas calçadas limpas. Pareceu-lhe que os homens afinal podiam se entender.

Estava errado. Assim que seu contrato chegou ao fim, Nassau foi deposto e enviado de volta à Holanda. Quem mandava eram os

comerciantes da Companhia das Índias, que queriam mais lucros e menos despesas com idéias malucas.

A guerra voltou com toda a força. E os holandeses começaram a perdê-la.

Antônio tratou de cuidar da vida.

Não tivera mais notícias do Velho. Tinha certeza de que o maldito estava bem longe daquela zona arrasada, prestes a enfrentar uma decadência que se arrastaria por séculos.

Numa manhã de nuvens carregadas, tomou a decisão de se meter no sertão.

Ouvira comentários sobre descobertas de ouro e diamantes numa região bem ao norte, conhecida como Sertão dos Cataguás, para onde estava indo gente de todas as capitanias.

Talvez o Velho também apareça por lá.

Depois de atravessar os canais do Capibaribe chegou à várzea e começou a travessia de uma vasta campina. Em seu passo manco, ia sem pressa, com o vago rumo de seguir os boatos sobre o ouro.

Na pouca luz do pôr-do-sol avistou uma pequena jumenta correndo atrás de um cavalo.

Opa, isso não devia ser o contrário?

O cavalo veio na direção de Antônio. Quando estavam a poucos metros um do outro, a jumenta saltou para a frente... e lhe cravou dois enormes dentes pontudos no pescoço!

O cavalo escoiceou, empinou, caiu, mas a jumenta não o soltou, continuou mordendo, sugando o sangue, e Antônio lembrou:

— É ela!

Esperou sua antiga companheira de viagem terminar. Ela também o reconheceu e se aproximou.

— Tantos anos bebendo o seu sangue, minha amiga... a transformei numa jumenta-vampira sem querer. Quer vir comigo conhecer o interior do Brasil?

Montou nela e seguiu viagem.

Uma longa viagem de um século.

Ela quase feliz. Via o mundo de dia, não podia ser ferido, nem adoecer, e ganhava dinheiro suficiente, como jogador, para boas roupas e pousadas confortáveis. Mas, enquanto não pudesse tomar uma cachaça e comer feijão com carne de porco, sentir o calor das mulheres, a esperança dos velhos e a curiosidade da morte, não sossegaria. Tinha saudades até do nariz escorrendo.

De qualquer maneira, à medida que entrava terra adentro, ia se interessando cada vez mais por aquela que, na época, era a mais importante colônia portuguesa.

Como gosta o Velho. Se tivéssemos parado na Índia não seria tão bom.

De fato. Portugal já havia perdido toda a influência sobre o comércio com o Oriente, e a desastrosa política externa da Corte só piorava a situação. Para fugir da dominação espanhola, pedira ajuda aos holandeses. As dívidas com a Holanda, pagara pedindo emprestado à Inglaterra. Agora importava quase tudo dos ingleses e dependia do que pudesse arrancar das colônias para pagar suas dívidas, que só cresciam.

Para completar o desastre, os holandeses, expulsos daqui afinal em 1654, foram plantar cana nas Antilhas e na Guiana e condenaram a produção brasileira à decadência.

À Corte, desesperada, só restou a esperança do ouro, da prata, das pedras preciosas. Se os espanhóis enriqueciam com a mineração em sua banda da América do Sul, era preciso tentar o mesmo por aqui.

Antônio ia se inteirando da situação à medida que avançava Brasil adentro, em conversas de cartea do nas pequenas vilas, em torno de fogueiras em acampamentos de vaqueiros, em rodadas de gamão com fazendeiros abastados ou com parceiros de via gem ocasionais.

Há décadas, saídas das capitânias ao sul, expedições já vasculhavam o interior atrás de jazidas. Iam longe, invadindo terras espanholas, desrespeitando o velho Tratado de Tordesilhas.

Acabaram descobrindo.

9 - Jumenta nervosa

No início do século seguinte espalhou-se a notícia por todo o Brasil e pela Europa: havia ouro, e muito, no território que pouco depois ficaria conhecido como Minas Gerais.

Assim que essas notícias chegaram aos confins do sertão, por onde Antônio perambulava, o movimento nas trilhas antes desertas, por onde ele seguia em paz com sua jumenta, agora o obrigava a filas indianas com dezenas, centenas de homens aflitos. Vaqueiros que abandonavam o gado no pasto, agricultores que deixavam suas lavouras no litoral, comerciantes, artesãos, funcionários públicos, oficiais de justiça, militares, todos largando emprego e família, numa espécie de delírio coletivo, em busca do ouro.

Deixou-se levar, com a certeza de que encontraria o Velho.

Porque, sem dúvida, algo de importante vai acontecer.

A jumenta desenvolvera dois enormes e pontudos dentes cavallares, que Antônio procurava esconder com uma focinheira de couro.

Ela dava trabalho. Quando sentia sede de sangue ninguém a segurava. Atacava cavalos, bois, antas, onças, até gente. A sorte de Antônio é que ela só se alimentava à noite, nas veredas escuras e desertas do sertão.

Como ele, a jumenta continuava desperta durante o dia, embora um pouco mais lenta. Mas à noite, principalmente logo após sugar o sangue de suas vítimas, adquiria uma energia assustadora e praticamente voava. Era comum subir em árvores atrás de algum macaco distraído para sobremesa.

Apesar dos contratempos, e das várias vezes em que quase os denunciou como vampiros, Antônio gostava dela. Sentia-se muito solitário e só outra alma imortal podia lhe fazer companhia.

Assim prosseguiram, com muitas paradas e desvios enormes.

Maravilhava-se com o que via. Era capaz de passar anos numa curva espraiada de rio, no cume de uma montanha rochosa cercada de cachoeiras ou vendo as vilas próximas às jazidas incharem de gente. Admirava-se com os homens abrindo gigantescos buracos na terra, trabalhando como formigas.

Viveu em Pitangui, Ribeirão do Carmo, Rio das Velhas e muitas outras vilas, sempre deixando a mula no mato, e sempre a reencontrando depois, graças a sinais que só os vampiros captam.

Foi na manhã em que pisou em Vila Rica, mais tarde conhecida como Ouro Preto, no outono de 1756, que soube do grande terremoto que havia arrasado Lisboa, destruindo dois terços da cidade e matando quarenta mil pessoas.

Agora é que vamos dar com os burros na água.

Chegava, afinal, à maior cidade mineradora da América do Sul e, cansado de procurar em vão pela nova encarnação do Velho, resolveu esperá-lo.

Se o desgraçado aparecer, será aqui.

A tragédia em Lisboa tornou Portugal total mente dependente da Inglaterra, acrescentando às dívidas antigas os novos empréstimos para a reconstrução da cidade.

A única saída era aumentar ainda mais a inter venção nas colônias. Incentivar e fiscalizar a produ ção era bom, mas muito lento. O mais rápido era arrochar nos impostos. É claro que os brasileiros não gostaram nem um pouco.

A Coroa exagerava. Havia imposto sobre tudo na época. Pagava-se para passar na alfândega, para cruzar um rio, para comercializar qualquer produ to, para vender e comprar terras, para estabelecer comércio e para fechar comércio...

Num final de tarde chuvoso, durante um pas seio um pouco ao sul, um fiscal parou Antônio numa curva de trilha deserta e lhe cobrou um "imposto sobre circulação de mula".

Não teve tempo de receber. A jumenta-vampira arrancou-lhe a cabeça e cravou os dentes no buraco do pescoço, chupando todo o seu sangue.

Antônio não fez nada para impedir. Após qua se trezentos anos, torcia pelos brasileiros.

10 - Muita revolta para pouca pólvora

Nesses passeios de mula pelas redondezas de Vila Rica, Antônio procurava se inteirar de possí veis vítimas de vampiro. Sua experiência lhe dizia que o Velho ocupava corpos de figuras importantes mas, na hora de se alimentar, preferia índios, esca vos e pobres de uma maneira geral, cujas mortes não preocupavam a Justiça.

E tanto procurou que encontrou um grupo de mineiros, isolados ao pé de uma montanha, a mui tas léguas da vila mais próxima, apavorados com os corpos de companheiros encontrados no fundo das grutas. Chegou mesmo a ver um deles e teve certeza da presença do Velho: a garganta rasgada a unha, para disfarçar as duas marcas de dentes, e o corpo seco, mumificado, sem uma gota de sangue nas veias.

Na volta, ao pernoitar numa estalagem, divi diu a mesa com dois personagens conhecidos. Fin giu tomar uma caneca de vinho para ouvir o que tramavam.

Um deles estava se tornando famoso por cons pirar contra a Coroa portuguesa, falando mal do governador e do vice-rei, pregando abertamente a revolta armada e a independência do Brasil. Era magro e alto, uns quarenta anos, e um pouco vesgo. Alferes do regimento de cavalaria de Vila Rica, tinha o apelido de Tiradentes, por ter sido dentista antes de entrar para a carreira militar.

O outro chamava-se Joaquim Silvério dos Reis, um importante "coronel" português, endividado com a Coroa até os cabelos.

Antônio já tomara algum dinheiro dos dois no carteadado, por isso sentiram-se à vontade para con versar. Ou melhor, praticamente só Tiradentes falou.

A situação estava insustentável. O novo gover nador da capitania das Minas Gerais, o visconde de Barbacena, assumia o cargo com a promessa da te mível forma de arrecadação conhecida como "der rama": a cobrança dos impostos atrasados de uma vez só.

Revoltados com a metrópole, que os ameaçava com desapropriações, saques, torturas e prisões, a elite endividada planejava uma revolução que a tor nasse livre de uma vez por todas de Portugal.

Tiradentes, com seus discursos inflamados, tornara-se o líder do movimento.

— Já somos muitos — dizia ele —, dispostos a expulsar daqui os representantes da Coroa, que só sabem chupar o nosso sangue.

Ao escutar essa expressão Antônio ficou atento e passou a desconfiar dele, embora seu apelido assustasse um vampiro.

Ouviu então os planos secretos da revolução.

Quando o visconde de Barbacena principiava a "derrama", marcada para fevereiro de 1789, Tiradentes, comandando um grupo armado, invadiria a casa do governador, cortaria sua cabeça e leria uma declaração de independência, proclamando a República.

Tinham a certeza de contar com duzentos homens, armados com mosquetes. O difícil era conseguir pólvora.

Conversaram horas sobre os detalhes, os nomes envolvidos, as senhas, e quando afinal se separaram e Silvério dos Reis recolheu-se ao quarto ao lado do seu, Antônio leu-lhe os pensamentos e não gostou nem um pouco do que descobriu.

O coronel iria trair a revolução.

O maldito Velho já usou o corpo de um traidor antes. Pode muito bem fazer isso de novo.

Resolveu vigiar Silvério dos Reis.

Ficou de olho em Tiradentes também.

Quando ele fala em cortar cabeças seus olhos brilham...

Além do mais, os dois estavam perto das recentes mortes na gruta.

Dias depois foi à casa do desembargador Tomás Antônio Gonzaga, com quem jogara gamão algumas vezes. Havia uma reunião marcada para o fim da tarde, no varandão interno, a que Tiradentes iria.

Lá estavam padres, advogados, militares, funcionários públicos e muitos fazendeiros e proprietários de minas.

Antônio misturou-se a eles. Eram os conspiradores. Falavam sobre as idéias novas que surgiam na Europa, sobre o "liberalismo econômico" que pregava o fim dos monopólios e dos pactos coloniais, dos ideais franceses de igualdade, fraternidade e liberdade, do "iluminismo", do "racionalismo"...

Um dos problemas dos vampiros é se manter atualizado. Enquanto a um mortal basta conviver com sua época, um imortal tem de atravessar os séculos tentando acompanhar a evolução dos pensamentos, o surgimento das palavras novas, as modas. Dá trabalho. Por isso, muitos vampiros preferem se isolar e só sair à noite, como os fantasmas.

Mas Antônio amava a vida e jurou manter o interesse pela humanidade até ter sua alma mortal de volta.

Davam os revoltosos exemplos de outras colônias, como a da América do Norte, que pouco tempo antes havia lutado contra a Inglaterra e conquistado sua independência.

— E também é contra a Inglaterra a nossa luta! — gritava Tiradentes. — Portugal paga suas dívidas com nosso ouro! A Coroa mantém seus luxos chupando nosso sangue.

Toda a hora o gajo fala nisso. Ora pois, que aí tem coisa.

Voltaram a discutir sobre a falta de pólvora e como seria a bandeira da nova república, mas não chegavam a um acordo.

Reclamaram muito da situação. Todos ali, fora Tiradentes, que era pobre, deviam à Coroa. Alguns, em desespero, planejavam fugir para os sertões caso a revolução não vingasse.

Mas o que mais se falou, o motivo mesmo da reunião, era o fato irritante do visconde de Barbacena ter adiado a "derrama" para

um dia incerto. Isso atrapalhava todos os planos dos conspiradores, e eles se perguntavam o que estaria acontecendo.

Só Antônio sabia.

Na noite seguinte ao encontro na estalagem, seguiu o coronel Silvério dos Reis em sua visita ao visconde.

O governador, um tipo estranho, calado e solitário, sempre trancado em seu palácio afastado da cidade, recebeu o traidor em audiência privada e sigilosa e tirou dele todos os nomes e planos dos conspiradores. Em troca, anistiou as dívidas do coronel.

Antônio assistiu a tudo revoltado, mas tinha por princípio não interferir na História.

A primeira providência de Barbacena foi suspender a "derrama", desorientando os conspiradores. Depois, para não levantar suspeitas, foi substituindo vários comandantes militares, colocando homens de confiança nos postos-chaves. Por fim, pediu reforços de tropas ao vice-rei.

Tiradentes, sem conseguir ficar parado, viajou até a nova capital do Brasil, São Sebastião do Rio de Janeiro, no litoral, pregando por onde passava a proclamação da independência.

Antônio não pôde continuar vigiando os dois. Teve de escolher. Ficou em Vila Rica, de olho em Silvério dos Reis.

Certa madrugada, num novo encontro, deixou o traidor na sala de audiência do palácio e foi espiar pela janela dos aposentos do governador por que ele demorava tanto.

Encontrou o visconde lanchando. De quatro, os dentes cravados no pescoço raspado de um bode!

— Burro! Burro!

Xingava-se Antônio, escondido entre os galhos de uma mangueira do jardim.

Ele não desconfiara do governador.

Procurou se acalmar e correu para o pequeno sobrado que alugara no final da rua Direita. Lá, dessembrulhou emocionado a estaca de carvalho que talhara há quase trezentos anos, apanhou na gaveta a marreta de madeira que comprara recentemente, como se estivesse adivinhando, e voltou ao palácio, disposto a recuperar sua alma mortal, já sonhando com feijão tropeiro, cachaça com maracujá e a mulata do armazém.

Esperou a reunião se encerrar. Ouviu o Velho, no corpo de Barbacena, ordenar que Silvério dos Reis fosse atrás de Tiradentes até a capital, denunciá-lo ao próprio vice-rei.

Horas depois de o traidor ir embora, o governador deitou-se e dormiu.

Antônio esperava por isso.

Levantou a janela guilhotina, entrou e mancou até a beira da cama. O visconde roncava, dentro de seu camisolão de seda.

Finalmente, depois de tantos anos, terás o que mereces, maldito!

Segurando a estaca com a mão esquerda, pôs a ponta sobre o coração de Barbacena. Com o martelo na outra, e toda sua força de vampiro, desferiu o golpe mortal.

Mas a estaca espatifou-se!

Os cupins, em três séculos, haviam feito um estrago danado.

Uma sombra escura desprendeuse do corpo do visconde num pulo e empurrou Antônio com tanta força que este se chocou contra a parede, derrubando a mesa, uma bacia de metal e um espelho. Atordoado, viu dois pontos de luz vermelha que o encaravam. Ouviu os gritos dos soldados que já batiam na porta. A sombra atravessou a parede. Só teve tempo de pular pela janela e se esconder na noite.

Perdera novamente o Velho.

No dia 20 de maio chegou a notícia da prisão de Tiradentes, no Rio de Janeiro, e das ordens do vice-rei para que as tropas do governo invadissem Vila Rica. Nos dias que se seguiram foram todos presos e despachados para as prisões da capital.

Antônio vigiou o visconde por algum tempo, na esperança de o Velho voltar.

Assistiu, enojado, fazendeiros e proprietários de minas, que antes apoiavam os conspiradores, agora apresentando denúncias formais contra eles, na esperança de abatimentos nas dívidas.

Arrumou suas coisas numa bolsa de couro, pro curou por sua jumenta-vampira e começou a descer rumo ao Rio de Janeiro, numa luminosa noite de lua cheia.

11 - O mundo gira e os lusitanos rodam

Antônio percorreu os quinhentos quilômetros que o separavam da recente capital do Brasil em pouco mais de dois anos.

Admirou-se com a qualidade das estradas reais, as melhores da Colônia, largas, muitos trechos calçados com pedras arredondadas tiradas dos rios, e com boas estalagens para estirar-se em sua rede preta.

Teria chegado ao Rio de Janeiro antes se, na metade do caminho, a jumenta, enlouquecida pela sede, não tivesse chupado o sangue de dois cavalos de uma tropa do governo.

Por sorte atacou-os longe da pousada onde Antônio pernoitara, e ninguém soube que a jumenta era dele. Mas uns vinte soldados conseguiram segurá-la e lhe cortaram a cabeça.

Mesmo assim ela ainda correu pelos pastos por cinco dias e cinco noites, até sumir no mato. O fato foi comentado por décadas e acabou criando a lenda da mula-sem-cabeça.

Prosseguiu a pé, mas, como mancasse, ofereciam-lhe carona nas carruagens e quase sempre acabava em alguma fazenda, ou em vilas pequenas, jogando carteados e ganhando a vida.

No começo do verão de 1792, ao final da travessia de uma alta cordilheira, seu olfato apurado de vampiro reconheceu a maresia, o cheiro salgado do Atlântico, que o acompanhava desde criança e que não sentia há um século e meio.

Chegou ao Rio de Janeiro numa tarde de tempestade, com as ruas alagadas e os raios queimando as altas palmeiras, no começo de abril.

Hospedou-se num sobrado, de frente para o campo de São Domingos, e passou as semanas seguintes conhecendo a famosa cidade, com suas montanhas de rochas onduladas entrando mar adentro, lagoas cheias de peixes e praias de águas cristalinas.

Caravelas portuguesas haviam aportado ali no dia 1º de janeiro de 1502, no que pensavam ser a foz de um grande rio, por isso o nome da cidade.

Foi invadida constantemente pelos franceses, que chegaram a dominá-la de 1555 a 1560.

Os portugueses brigaram com eles, pedindo sempre reforços a Salvador, até a expulsão definitiva e a fundação oficial da cidade, em 1º de março de 1565.

Com o interesse da Coroa voltando-se para a mineração, o Rio de Janeiro, como porto mais próximo, tornou-se ideal para a saída e o controle dos metais preciosos. Para ali transferiram a capital da Colônia, em 1763, passando a ser administrada por um vice-rei. Ela

logo cresceu e se transformou no que Antônio via agora: uma cidade com inúmeras ruas bem-calçadas, milhares de sobrados onde se acomodavam mais de cinquenta mil pessoas, sem falar dos forasteiros e moradores das centenas de chácaras e fazendas em torno.

O grande porto, sempre congestionado, ligava o Rio de Janeiro ao mundo. Era ali que Antônio gostava de ir, jogar cartas e saber das novidades. Era lá também que se torturava, sentindo o cheiro do bacalhau, do vinho, das azeitonas e tremoços nos barris de carvalho que chegavam de Portugal para abastecer o comércio.

Com trezentos anos de trópicos, ele agora já podia pegar sol, como qualquer mortal, e provavelmente foi o primeiro e único vampiro a ir à praia e ficar bronzado.

Seus olhos, porém, sensíveis demais, precisavam de proteção. Para isso comprou óculos com lentes sem grau, cobriu-as com fumaça de vela e inventou os óculos escuros.

Na segunda semana na cidade, num sábado ensolarado, da janela de seu quarto, assistiu ao enforcamento de Tiradentes.

Quase não o reconheceu no corpo magro, coberto com o camisolão branco dos condenados. A cabeça raspada, puxada pelo pescoço por uma corda, como uma coleira, no meio de uma procissão de militares, padres e funcionários da Justiça. Mal conseguia subir os degraus do patíbulo, pela fraqueza dos anos confinado na masmorra.

Os vampiros matam para se alimentar, pelo menos.

Revoltado, acompanhou o resultado da conspiração mineira.

Os ricos se safaram, alguns trocando delações por abatimentos na dívida, outros recebendo o perdão caridoso da rainha. Mas todos, sem exceção, colocando a culpa no único pobre do grupo, que agora balançava na forca, com o carrasco trepado em seus ombros para

aumentar o peso, no meio do povo que aplaudia, gritava e agitava panos coloridos das sacas dos sobrados.

Antônio fechou a janela, com saudade do tempo em que podia vomitar.

Nos carteados noturnos, pelos arredores perigosos do porto, inteirava-se dos dias agitados que Portugal vivia na virada do século.

Totalmente dependente, por dívidas e tratados comerciais, a Coroa entregara à Inglaterra todo o ouro extraído aqui, transformando-a numa potência capitalista e financiando sua Revolução Industrial, que agora precisava se expandir através de mercados consumidores.

Antônio, que na temporada em Vila Rica aprendera a ler e escrever com um paciente padre em troca de muitos gramas de ouro, já notara o *made in England* gravado em todos os lugares, dos postes às privadas.

Do outro lado, a França, também uma potência capitalista, avançava com seu exército, Napoleão à frente, conquistando mercado para seus produtos à força.

Uma pelo mar, outra pela terra, ambas exigindo de suas vítimas a exclusividade nas transações comerciais, deixaram Portugal literalmente imprensado.

Em meados de 1807, a França exigiu da Coroa portuguesa o fechamento dos portos à Inglaterra e a expulsão e o confisco de bens dos ingleses.

D. João, o regente na época, fingiu que concorria, mas tratou de assinar uma convenção secreta em Londres, tomando uma das decisões mais doidas da história das nações.

Vendo as tropas francesas avançar sobre Portugal, para conquistá-lo e se apropriar de suas colônias, e a marinha britânica

bloquear o Tejo, pronta para invadir Lisboa, a Corte decidiu se mudar.

12 - Quem é eterno sempre aparece

A princípio, parecia piada.

Mas em novembro de 1807 toda a nobreza, o clero, os altos funcionários do Estado, os ricos e poderosos em geral saquearam Lisboa, correram para os navios e caíram fora, levando objetos de valor, obras de arte, tesouros e metade de todo o dinheiro do país, deixando o povo para trás.

Quando as tropas francesas chegaram à capital portuguesa atrás do rei, ele já não morava mais lá.

Viera para o Brasil, justamente para a cidade onde Antônio estava. E foi assim que ele e milhares de brasileiros incrédulos viram, a 8 de março de 1808, a enorme esquadra portuguesa, escoltada pela marinha inglesa, desembarcar no porto do Rio de Janeiro.

Em meio à multidão que festejava, com autoridades do governo e da Igreja chegando de todas as capitanias, Antônio também tinha motivos para estar feliz.

Isto por aqui se transformar na sede do Império por tuguês... ora, pois, se não é importante! É certo que o Velho vai aparecer!

Duraram dez dias as comemorações e o beija-mão do príncipe-regente D. João. Em seguida começaram a instalar a nova administração, criando órgãos que antes só funcionavam na metrópole.

Foram muito além do necessário. Para arranjar emprego e renda para os milhares de fidalgos, inventou-se todo o tipo de repartições públicas. Como algumas delas precisavam aparentemente funcionar, instaurou-se uma burocracia infernal.

Obrigados também a fundar os estabelecimentos necessários, que, pelo próprio pacto colonial, haviam impedido de existir aqui, os portugueses criaram uma fábrica de pólvora, um grande hospital, o Jardim Botânico, um teatro, uma biblioteca pública, a Academia de Belas-Artes e o Banco do Brasil.

Arranjaram dinheiro para tudo isso das duas maneiras usuais: pedindo à Inglaterra e aumentando os impostos.

Do sobrado no campo de São Domingos, Antônio assistia às transformações da cidade, lembrando de seus dias no Recife do príncipe Nassau. A população aumentava a cada dia, as construções subiam, os decretos baixavam.

Revogaram-se as restrições à implantação de indústrias e à impressão de jornais e livros. Permitiu-se a abertura de estabelecimentos comerciais de qualquer tipo e a importação de máquinas modernas. E, o mais surpreendente para Antônio, acabaram com a legislação monopolista, abrindo os portos brasileiros às "nações amigas". Amigas da Inglaterra.

Mas se não era isso que queria o tal Tiradentes, ora pois...

Ele já não perdia muito tempo tentando compreender os homens, estava mais preocupado com o que vinha acontecendo bem perto dele: justamente no porto, na calada da noite, em suas vielas escuras, alguma coisa vinha rasgando gargantas de marinheiros, escravos, banidos e prostitutas e sugando todo o sangue de seus corpos.

Acontecia com tal frequência, dois corpos por semana, às vezes três na lua cheia, que Antônio não teve mais dúvida: com uma

estaca de carvalho nova e envernizada de um lado do cinto, um martelo de madeira do outro, e toda a raiva acumulada em trezentos anos, começou a vasculhar beco por beco, noite após noite.

Acabou encontrando.

Viu quando um negro bêbado, vestido ape nas com uma bermuda de algodão, saiu de uma tasca e parou para urinar atrás de uma pilha de caixotes podres. Por pura intuição espreitou-o atrás de uma carruagem sem rodas, parada em frente a uma oficina.

Um vulto magro e alto pulou do telhado e pou sou suave e silenciosamente, batendo seu manto escuro como asas, bem atrás do escravo... e, abraçando-o por trás, cravou-lhe os dentes no pescoço!

Sabia, por experiência própria, que minutos de pois que o sangue da vítima entrasse nas veias do vampiro este se sentiria entorpecido, como as cobras depois de picar, e ficaria vulnerável. Esperou.

A maldição chegará ao fim.

Avançou em silêncio. O vampiro estava de cos tas. Apontou a estaca e martelou com força.

Ouviu um grito alucinante. Os longos braços soltaram o negro e tentaram em vão arrancar a esta ca que atravessara seu coração, por trás. Rodopiou e caiu de costas, sacudindo os braços e as pernas.

Antônio se abaixou, pronto a aspirar o pó em que o maldito iria se transformar dali a pouco... mas gritou:

— Domingos!

Só então percebeu que era seu amigo.

13 - Maneiras de suportar a vida eterna

Os mortos-vivos, como o nome diz, estão sus pensos entre a vida e a morte. Quando recebem um golpe fatal, o tempo cobra seus direitos e o corpo se deteriora, virando pó em questão de minutos.

Espantado, Domingos também reconheceu Antônio, e teve forças para gritar:

— Arranca a estaca! E dá-me teu pulso!

Antônio puxou o pedaço de carvalho cheio de sangue e estendeu o braço. Domingos mordeu, ávi do, e sugou o sangue, de olhos fechados, como uma criança faminta suga o seio da mãe.

O buraco em seu peito parou de sangrar e o corpo esquentou. Ele abriu os olhos, largou o pulso e cuspiu:

— Cruzes, que gosto horrível!

— É de gambá — esclareceu Antônio.

— O que é gambá?

— Uma espécie de ratazana, muito grande, com um rabo pelado. Chupei uma ontem.

— Mas chega a feder!

— Um pouco.

— Com tanta gente por aí.

— Não mato pessoas.

— Nunca?

— Se agir como um vampiro, acabo sendo um.

— Mas tu és um vampiro!

— Estou tentando manter minha consciência humana.

— Há trezentos anos?

— Pois.

Antônio alugou uma pequena chácara nos arredores da cidade, comprou um belo caixão de madeira trabalhada, com forro de veludo vermelho acolchoado, e acomodou o amigo, para que se recu perasse do ferimento.

— Só o sangue de um vampiro pode salvar o outro de uma estaca no coração — explicou Domingos. — Porém a fraqueza que o golpe produz dura alguns meses.

Mas a ferida em seu peito ameaçou abrir nova mente por causa das gargalhadas que deu ouvindo as trapalhadas de Antônio no Novo Mundo.

— Se soubesse que tu estavas tão empenhado assim em caçar o Velho tinha te ensinado mais sobre vampiros.

— Então ensina agora.

Domingos era muito culto, refinado e interessado em artes. Gostava de freqüentar as cortes eu ropéias, comprara um título de nobreza recente mente e ganhava dinheiro no comércio de antigüidades, quadros e jóias.

— Quando vi os nobres fugindo para cá, trazem do tudo que havia de valor em Lisboa, vim atrás deles.

Antônio ficou feliz. Sua única companhia imortal havia sido uma mula.

Os vampiros, como todos os velhos, acabam solitários. Vêm os amigos mortais envelhecer e morrer.

— O verdadeiro vampiro é o tempo — repetia Domingos às vezes, nas longas conversas noturnas na varanda da chácara. — É ele que suga a vida. Mesmo a nossa, Antônio, que parece eterna, mas que pode acabar.

— Pode?

— Conheci muitos de nós que cravaram uma estaca no próprio peito, ou que simplesmente saíram de dia e esperaram o sol cozinhá-los, porque não conseguiram suportar o tédio da eternidade. O maior desafio de um vampiro é arranjar alguma coisa para fazer, que dure para sempre.

— Já senti isso.

— Eu acompanho as artes que os humanos praticam, e que tornam alguns deles mais imortais que nós. O Velho, por exemplo, segue os movimentos políticos. Quer entrar para a posteridade.

— E eu?

— Tu corres atrás dele. E isso deve até diverti-lo, senão já teria acabado contigo.

— Pois.

— É por termos interesses diferentes que de envolvemos poderes particulares. Conheci bem o Velho. Não há vampiro mais poderoso. Mas existem uns truques para pegá-lo. Vou-te ensinar alguns.

Outro problema dos vampiros é a memória. Quando se dura para sempre é difícil lembrar-se de tudo. Mas Antônio nunca se esqueceria dos meses passados com Domingos na Corte recém-instalada no Brasil.

A cidade do Rio de Janeiro fervilhava. Fora transformada do dia para a noite em sede do Império, e as pessoas se sentiam importantes só em caminhar pelas ruas esburacadas, infestadas de obras. Imensos e luxuosos sobrados eram erguidos às pressas, para abrigar as famílias dos fazendeiros e ricos comerciantes dos arredores, São Paulo e Minas Gerais.

O porto funcionava dia e noite. A baía vivia congestionada de navios esperando para descarregar as manufaturas. Inglesas, naturalmente, ainda mais após as "compensações" que a Coroa britânica conseguira pelo apoio a Portugal: monopólio sobre as exportações de gêneros tropicais, tarifas alfandegárias mais baixas que as dos próprios portugueses e a garantia de que qualquer falcatura cometida por um súdito britânico só poderia ser julgada pela Justiça britânica.

Importou-se de tudo. Ferragens, chapéus, co midas salgadas, cerâmica, cerveja... E coisas inúteis de toda espécie.

— Pior que ser colônia é ser colônia de uma colônia — riu-se Domingos num armazém, ao ver o português usar patins de gelo para cortar salame com os pés.

— Os gajos têm os corpos cá, mas a cabeça está sempre além-mar — completou Antônio.

De fato, as classes altas, que antes imitavam Portugal, agora voltavam-se para a Inglaterra e, um pouco menos, para a França.

Abriam-se manufaturas têxteis, uma siderúrgica e metalúrgicas, com maquinaria britânica.

E academias de desenho, pintura e escultura com artistas franceses, a que Domingos se integrou, apresentando Antônio e o levando a festas luxuosas e saraus concorridos.

— Há coisa melhor para se fazer à noite? — dizia, enquanto ensinava Antônio como se vestir, como comer e o que dizer.

Domingos adorava festas e mulheres. Embora não pudesse consumir o ato, flertava com todas. Mas era o pescoço das negras escravas que acabava chupando no final da noite. Como o Velho, gostava de conviver com os ricos, mas se alimentava dos pobres.

— Mas podias beber menos sangue — disse-lhe Antônio uma noite. — Três escravos e um marinheiro francês só essa semana é demais.

— Como assim? Que eu me lembre, foi só o tal marinheiro.

— Dois apareceram no porto. Os outros dois jogados na areia de praias distantes.

Domingos o olhou espantado e disse:

— Não fui eu!

O Velho estava por ali.

14 - Dança de vampiro

Portugal, livre dos franceses já desde o final do ano da fuga, 1808, exercia cada vez mais pressão para a volta da Corte, única saída para restaurar um pouco a dignidade do Império.

Do lado de cá, os beneficiados com a presença de D. João VI, como os grandes proprietários rurais paulistas, fluminenses e mineiros, que com o declínio da extração mineral eram então os mais ricos e influentes, não queriam deixá-lo voltar.

O regente ficou entre Portugal, cuja única saída para sua interminável crise econômica seria intensificar a exploração da Colônia, e o Brasil, que não queria perder a liberdade comercial e tudo mais que conquistara sendo a sede da Coroa.

Em 1816, com a morte de sua mãe, a rainha Maria I, louca de pedra, ele se tornou afinal impedido e precisou tomar uma decisão.

Já havia unido Colônia e metrópole num só Reino Unido de Portugal e Algarve. Não convencera. Lisboa queria a Corte lá. Decidiu mandar seu filho, D. Pedro I. Não deu certo. Mudou de idéia. Ele iria e o filho continuaria aqui, como príncipe regente.

Antes que voltasse atrás, obrigaram-no a fazer isso e ele partiu em abril de 1821.

Antes, anunciou uma grande festa no Paço de São Cristóvão.

Domingos e Antônio deram um jeito de ser convidados. Tinham um plano infalível para pegar o Velho.

O príncipe D. Pedro I, com 23 anos, gostava de uma farra, de beber e de jogar. Com essas qualidades, acabou conhecendo Antônio e Domingos, já famosos nas festas da Corte. Por isso foi fácil para a dupla de vampiros arranjar convites para o baile de despedida de D. João VI.

Investigando os corpos que não paravam de ser descobertos nos becos sombrios do porto e nas ruas encardidas da cidade, com a certeza de que se tratava do Velho, Antônio desesperou-se. Com a quantidade de personalidades importantes e poderosas espalhadas por todos os cantos com a chegada da Corte, seria impossível escolher suspeitos, muito menos vigiá-los. Domingos resolveu ajudar, com um plano simples:

— Vamos esperar por uma festa.

— Tu só pensas em festas!

— Uma das grandes, onde estejam todos os poderosos e onde tu possas descobrir em que corpo está o Velho, usando os truques que te ensinei.

Dois meses depois, como se de encomenda, a grande festa foi marcada.

O Paço de São Cristóvão, iluminado por milhares de velas em candelabros suntuosos, abriu as portas na noite ainda abafada de final de verão para receber os convidados ilustres que desciam das carruagens, congestionando a longa alameda da entrada.

Antônio vestia um traje de gala, como o de todos os homens, a não ser pela estaca de carvalho presa às costas, por baixo da casaca.

Domingos, à vontade, cumprimentava os homens da Corte e cortejava as mulheres.

— Eu não disse? — sussurrou no ouvido de Antônio. — Vieram todos. Trouxe os equipamentos?

— Espalhados pelos bolsos.

— Deixa a bebida correr um pouco, depois começa. Ele está aqui. Posso sentir.

Antônio também.

Domingos explicara que o Velho era um vampiro grande, gordo e espalhafatoso, por isso, quando invadia um corpo, geralmente se sentia apertado dentro dele. Isso provocava o primeiro indício: o corpo ocupado era desajeitado, esbarrava nos objetos, derrubava copos, tropeçava.

Outro sinal seriam as duas marcas de dentes no pescoço, naturalmente muito bem disfarçadas. Segundo Domingos, o Velho sugava o sangue de sua vítima até a beira da morte, até que a alma dela desistisse de lutar pelo corpo e saísse. Então ele entrava no lugar dela e o corpo revivia, possuído. Ficava a cicatriz da mordida. Quando ele saía, a alma antiga voltava, sem se lembrar de nada, como se tivesse sido um sonho.

Saber o momento certo de parar de chupar o sangue, depois do risco de criar um novo vampiro e antes de matar a vítima, era o segredo do Velho.

O terceiro indício eram as gotas de xixi nas calças. Como os vampiros não urinam nem defecam, o Velho sempre se atrapalhava nessas horas.

O quarto, que eliminava metade das possibilidades, é que ele nunca ocupava corpos femininos.

Então Antônio, com tantas mulheres bonitas em volta, ficou tentando encontrar um homem desajeitado, mordido no pescoço e mijado.

Havia centenas de pessoas. A Coroa queria se despedir em grande estilo, deixando uma imagem de superioridade absolutista, e convidara todos, aliados, oposição e até radicais. Menos os pobres.

Lá estavam os grandes comerciantes, os militares portugueses e os altos funcionários da administração pública, defensores da Coroa, lutando para preservar seus privilégios.

E também a oposição, os "brasileiros", comer ciantes locais, burocratas, banqueiros e, principal mente, os grandes proprietários rurais, todos que rendo se livrar da carga de impostos que sustentavam o ineficiente governo lusitano, mas que não abriam mão da monarquia, do trabalho escravo e da tutela inglesa. Homens como José Bonifácio de Andrada e Silva, poderoso ministro do Reino e Estrangeiros.

E por fim os "liberais radicais", gente da cidade, prestadores de serviço, jornalistas, professores, artistas, que pregavam a independência, o fim da Monarquia e da escravidão e já falavam em República, mas que na prática não tinham poder algum.

Parado a um canto, como se tomando conta da pesada coroa imperial que descansava num banquinho, o gordo D. João VI aturava os puxa-sacos com o ar entediado e os olhos já opacos dos bêbados.

Seu filho, D. Pedro, ao contrário, circulava e parava em cada grupo de mulheres, como mosca de confeitaria sobre pães-doces.

Antônio percorria o salão, observando atenta mente cada um dos convidados, atrás dos indícios.

Foi quando estava justamente de costas, admirando pela janela as árvores do grande parque que circundava o Paço, que ouviu o barulho de um vaso quebrando.

Voltou-se e viu José Bonifácio, que acabara de esbarrar numa mesa de canto, tropeçar na ponta de um tapete ao tentar abaixar-se para recuperar a bengala.

— Os poderosos estão caindo! — gritou um radical bêbado.

Os risos se espalharam. O ministro levantou-se de bom humor e ajeitou rápido a gola alta de seu fraque.

Antônio, que não tirava os olhos dele, viu então a marca de umidade na perna esquerda da calça.

Estabanado, escondendo o pescoço e mijado! É o maldito!

Seguindo os ensinamentos de Domingos, agora começaria a fazer os testes. Para ter certeza.

Tirou o primeiro equipamento do bolso. Um pequeno espelho.

Alguns vampiros não têm reflexo. O Velho era um deles. Quando ocupava um corpo, o reflexo acompanhava seus movimentos um pouco atrasado.

Com dificuldade, para não chamar atenção, Antônio observou o ministro caminhar entre os convidados através do pequeno espelho, e achou que de fato o reflexo não estava acompanhando o corpo direito.

Guardou o espelho e retirou a vela de um dos castiçais de mesa. Cruzou com ela na frente de José Bonifácio e, fingindo tropeçar, chegou a chama bem perto de seus olhos. O homem recuou, assustado, confirmando as suspeitas. Os vampiros têm olhos mais sensíveis do que os mortais. Como os olhos estão ligados à alma, o Velho carregava essa sensibilidade no novo corpo.

Faltava o último teste, para a certeza absoluta, antes de cravar a estaca de carvalho no coração do ministro.

Antônio retirou do bolso, e o escondeu na palma da mão, o longo alfinete de prata.

Seguiu sua vítima até um canto isolado e o espetou no braço!

Se a alma daquele corpo fosse a de um vampiro, a dor seria terrível e a pele ficaria preta.

José Bonifácio deu um berro!

A festa parou.

Antônio foi pego por um grupo de jovens oficiais do exército e retirado do salão.

Do lado de fora do Paço o entregaram a um grupo de soldados, sob a acusação de atentado contra o ministro. Arrastado para o

matagal alto nos fundos do parque, recebeu vários tiros de mosquete à queima-roupa.

15 - A beíra do abismo

Domingos, que seguira os soldados, levou o amigo esburacado para a chácara.

Em poucos dias os ferimentos fecharam, sem deixar nem cicatriz. Mas precisaria de algumas semanas de repouso.

— Tenho de pegar o ministro — disse Antônio, na noite seguinte à da festa.

— Não era ele.

— Como?

— O Velho estava lá, mas não era o ministro — afirmou Domingos.

— Fiz os testes...

— Qualquer um pode derrubar um vaso, tropeçar e mijar nas calças.

— Mas a luz da vela...

— Foi mais o susto.

— O reflexo no espelho...

— Tu parecias um maluco seguindo o homem de costas. Os oficiais já estavam de olho em ti.

— O grito quando o espetei com o alfinete de prata!

— Falei para não o fazeres com muita força. Quase atravessaste o braço do gajo. Não, Antônio. Com certeza não era ele.

— Como podes saber?

— Eu vi o Velho.

Antônio abriu muito os olhos:

— Quem?

— Voltei antes de o sol nascer, percorri os aposentos do Paço...

— Quem? Quem?

— ...e encontrei D. João VI chupando o pescoço de uma criada, uma bela negra, por quem, na verdade, eu havia voltado.

— D. João VI?!

— Pois é. Por isso tu não o encontraste. Nunca vi o Velho tão à vontade num corpo. O imperador também é grande, gordo e espalhafatoso.

— Mas tu disseste que ele não ocupa os corpos das pessoas mais em evidência!

— Não. Eu disse que ele "raramente" faz isso.

Antônio tirou a estaca e o martelo do baú, furioso:

— Não importa. Vou lá acabar com o desgraçado.

— Não adianta. Já não está mais naquele corpo.

— O quê?

— Assisti à cena, amigo. A festa foi uma despedida mesmo. Depois que ele bebeu todo o sangue da negra eu o segui até seu quarto, o vi deitar, e em seguida a sombra escura do Velho deixou seu corpo e saiu pela janela.

— Não compreendo — suspirou Antônio, desabando numa cadeira.

— D. João VI vai voltar para Lisboa, levando a Corte. O Velho quer ficar. Ele sabe que o futuro está aqui, no Brasil.

— Bem, só me resta continuar a caçada.

— Mais uma coisa, Antônio.

— O quê?

— Eu vou com eles.

Domingos disse que não agüentaria ficar longe do brilho das cortes.

Os navios já aguardavam a nova mudança de D. João VI, mais uma vez abarrotados de objetos de valor e dinheiro.

Antônio viu a esquadra partir, na noite estrela da de 24 de abril de 1821.

Ficou novamente só.

Geralmente precisava se afastar das amizades mortais depois de uns dez anos, pois começavam a estranhar o fato de ele não envelhecer, mas daquele la vez era pior. Todos ficaram sabendo da sua morte. A versão da guarda nacional, de que ele era um liberal radical e de que tentara fugir para o mato depois do atentado contra o ministro, se espalhou pela cidade e saiu na primeira página de *A Gazeta do Rio de Janeiro*.

Resolveu isolar-se em sua chácara, na região de Mangaratiba, e nos vinte anos seguintes praticamente não saiu de lá. Alimentava-se nas flores tas dos arredores, ia à praia e à noite lia muito, livros e jornais. Descobriu na leitura a melhor forma de se atualizar sobre o mundo das pessoas, conhecer novas palavras e modas, sem ter de se misturar a elas.

Foi dessa maneira que acompanhou as revira voltas políticas no Rio de Janeiro.

D. Pedro I começou empenhado em reprimir as manifestações liberais, apoiado pela poderosa aristocracia agrária, apavorada com a possibilidade de perder seus privilégios.

Mas Lisboa, cada vez mais afogada em dívidas, aproveitou a volta da Corte para tentar uma política de recolonização do Brasil, rebaixando a autoridade do príncipe e, claro, aumentando os impostos.

Com sua já longa experiência Antônio sabia que a única coisa que unia os brasileiros era a luta contra o aumento de impostos. Foi o que aconteceu.

Em agosto de 1822, quando Portugal ordenou que D. Pedro I voltasse, as elites locais resolveram romper com a metrópole.

A 7 de setembro, o próprio príncipe declarava a Independência do Brasil, fazendo o que queriam os homens que as mesmas forças políticas vinham matando havia décadas. Isso não era nenhuma novidade para Antônio.

Ele chegou a circular à noite pela cidade, admirando as comemorações. Viu as janelas enfeitadas e o povo alegre, do mesmo jeito que estavam há trinta anos, depois do enforcamento de Tiradentes...

É claro que houve resistência, principalmente por parte das tropas portuguesas que ficaram por aqui sem saber o que fazer, mas José Bonifácio tratou logo de estruturar um exército nacional, comprando navios e contratando mercenários ingleses.

D. Pedro I, sentindo que enquanto fizesse o que os grupos mais poderosos queriam permaneceria imperador, tratou de cumprir seu papel, o de representante do poder absolutista, e continuou reprimindo os radicais que pregavam "democracia", "abolicionismo", "constituições" e tantas outras palavras novas que Antônio ia tentando decorar.

Uma palavra, no entanto, vinha sendo cada vez mais falada: República.

Pelo que o vampiro entendia, era uma forma de organização política em que o poder seria exercido por alguém eleito por todos, e não escolhido por Deus, e por tempo determinado.

Essa eu quero ver.

Portugal não se conformava com a perda da colônia. A Inglaterra servia de mediadora, mas não brando as duas cortes segundo seus interesses.

Antônio, entre outras coisas, não entendia como é que dois países se tornam independentes mas continuam a ser governados pela mesma família.

Ora, pois, porque D. Pedro I continua sucessor de D. João VI, só que em reinos diferentes.

De fato. E com a morte deste, em 1826, a situação complicou-se.

O Brasil estava falido. Devia aos ingleses até os fios dos cabelos, em empréstimos para indenizar Portugal e gastos com a instalação do novo Estado independente. A solução Antônio já sabia: mais empréstimos e aumento de impostos.

Quanto à produção, as coisas iam mal. Açúcar, já faziam de beterraba na Europa. Alimentos, uma ex-colônia britânica na América, que daria muito o que falar, os Estados Unidos, tornara-se a maior exportadora, em quantidade e preço sem concorrência.

Agora que havia uma Casa da Moeda, existia uma terceira alternativa: fazer dinheiro. Fizeram demais. Isso desvalorizou ainda mais a moeda brasileira em comparação com as outras e os preços subiram. O Banco do Brasil quebrou. Todos os que viviam de salário, a maioria dos moradores das cidades, milhares só no Rio de Janeiro, desesperaram-se e começaram a defender posições radicais contra o governo.

D. Pedro I caiu fora. Em 7 de abril de 1831 foi para Portugal, ser Pedro IV. Como seu irmão havia se apoderado do trono e os dois começaram uma fraterna guerra civil, mas isso é outra história.

A alegria dos radicais, democratas, abolicionistas, republicanos etc, durou pouco, porque aqui ficou um Pedro II, filho do primeiro.

E essa foi mais uma vitória dos poderosos de sempre, os senhores da terra, que agora podiam fazer um império particular, já que o soberano tinha ape nas seis anos e não mandava nada. José Bonifácio de Andrada e Silva ficou com a tutela dele.

O Brasil foi sendo governado por regências, governos provisórios, enquanto o soberano não chegava à maioridade. E a situação geral evoluiu da bagunça ao caos. A toda hora substituíam-se os regentes. Nem as classes dominantes se entendiam mais. Estouravam revoltas em todas as partes do país: províncias queriam se separar, governadores, voltar a ser colonizados por alguém, as populações urbanas, imitar as da Europa. Até o povo começou a sonhar com algumas mudanças.

Para tentar restaurar a autoridade de um poder central, uma ideia "brilhante": anteciparam a maioridade do soberano e o declararam imperador do Brasil com quinze anos.

Falidos e desgovernados, dessa vez eles se estrepam.

Antônio não podia imaginar que a salvação da pátria estava ali à sua volta, brotando nos arredores de sua chácara.

16 - Trocando de dono

Os cafezais há décadas vinham substituindo as matas ao redor do Rio de Janeiro.

D. Pedro II foi um menino de sorte. Na época que assumiu o trono, o café passou a ser bem cotado no exterior e recuperou a economia do país.

Lendo nos jornais para onde ia o grosso da nossa produção, os Estados Unidos, Antônio entendeu:

— Enquanto os ingleses nos deixavam dependentes "vendendo" seus produtos, os americanos do norte nos tornarão dependentes "comprando" nossos produtos.

Com quatrocentos anos de Brasil, estava ficando esperto.

A sociedade mudava rápido. Os homens não paravam de inventar máquinas novas para aumentar a produção, o transporte e a comunicação. Estendiam-se cabos telefônicos submarinos entre os países. O vapor substituíra a água e o trabalho humano na impulsão dos motores.

Após vinte anos de reclusão, Antônio não resistiu e voltou a andar pelo Rio de Janeiro, confiando que a maioria dos que presenciaram os acontecimentos daquela festa estavam mortos ou haviam voltado para Portugal.

Ficou maravilhado com os bondes, puxados por mulas, e depois com os trens. Voltou a frequentar as rodas de cartado do porto e dos sobrados luxuosos dos fazendeiros para ganhar dinheiro e a viajar pelas ferrovias que os ingleses não paravam de estender por todo lado.

Mancava à vontade pelas ruas, agora iluminadas a gás, vendo as fábricas brotando por toda parte, produzindo o que antes era preciso comprar no exterior.

Os Estados Unidos ficando com o café, o Brasil pagava as dívidas com os ingleses, livrando-se deles, tendo mais autonomia, e ainda sobrava dinheiro para investir aqui.

— Mas estamos a ficar nas mãos dos americanos lá de cima, pois se nos param de comprar... — resmungava Antônio nas rodas de jogo.

— Não se preocupe — respondiam sempre. — Deus é brasileiro.

— Então é por isso que o mundo é essa confusão. O poder passava para as nações mais espertas.

Ganhava-se menos com guerras do que com um bom tratado de paz. Era melhor emprestar do que tomar. Banqueiros e economistas conquistavam territórios com mais eficiência do que reis e militares. A vantagem agora era ter consumidores, em vez de súditos.

Mas se vamos contar com a inteligência da elite do Brasil, estamos mal.

Com o dinheiro entrando, principalmente a partir de 1860, e os políticos bem ou mal se entendendo, o problema concentrou-se na escravidão.

Os proprietários de terra não queriam nem falar em abolição porque os cafezais se apoiavam justamente no trabalho escravo. Por outro lado a Inglaterra, que libertara os negros em suas colônias, não queria mais a escravidão em lugar nenhum porque ela barateava o preço da produção e prejudicava a concorrência.

Os ingleses começaram então a discordar dos poderosos barões do café, que antes apoiavam, e acabaram incentivando as idéias radicais.

Os mortais não se entendem!

Em 1872, só no Rio de Janeiro moravam quase trezentas mil pessoas. As cidades cresciam em todo o país. Esse povo urbano queria mudanças radicais.

Antônio costumava viajar de maria-fumaça ao longo do rio Paraíba, por entre os contínuos cafezais, para vilas como Vassouras, Resende e Barra Mansa. Jogava com os ricos fazendeiros em seus

imensos sobrados de frente para as praças, vendo o luxo e prevendo a decadência. Eles gostavam de ser chamados pelos títulos de nobreza que haviam comprado, imaginando-se nobres de fato, sem reparar que em volta o mundo moderno avançava sobre eles.

Em breve receberiam golpes fatais. A terra do vale do Paraíba, desgastada, deixou de produzir. Os novos plantadores, agora no Oeste paulista, aceitaram substituir o trabalho escravo pelo dos imigrantes vindos da Europa. E, em 1888, a escravidão foi oficialmente abolida no Brasil.

As coisas só mudam quando um grupo de poder os substitui o outro.

E não eram só os novos plantadores de café em São Paulo que enriqueciam. Também, nas cidades, industriais e banqueiros faziam fortuna e distanciavam-se cada vez mais dos ideais absolutistas, monárquicos e escravagistas.

Antônio aprendia novas palavras como "evolucionismo", "positivismo", via a religião ser substituída pela ciência, os mistérios, pela experiência, e a escuridão, pela luz elétrica.

A moda era ser racional e isso deixou Antônio mais tranquilo pelas ruas porque ninguém mais acreditava em vampiros, mesmo que visse ou até fosse mordido por um.

Por outro lado, uma invenção dessa época, a fotografia, o deixou deprimido por anos. Ele não saía nas fotos de jeito nenhum.

São Paulo, que Antônio já conhecia viajando pela São Paulo Railway Company, crescia, burguesa e moderna, querendo mudar as regras da política a seu favor, com o poder de quem era responsável por 1/6 da renda nacional. E o que interessava a esses novos senhores de terra era descentralizar o poder, dando maior autonomia às províncias. Passaram a lutar pelo federalismo, da mesma forma como já faziam os radicais republicanos que eles mesmos

combatiam poucas décadas antes, quando ainda não tinham enriquecido.

Certos dias, ao acabar de ler os jornais, os do governo e da oposição, Antônio decidia esquecer o Velho e ser vampiro para sempre. Os mortais eram completamente malucos e não queria mais ser um deles.

Mas aí lembrava-se dos almoços que gentilmente recusava nas sedes das fazendas, dos franguinhos de leite assados na brasa, da mandioca frita, das carnes mergulhadas no feijão-preto, da cachaça, dos bolos de batata-doce e dos quindins, do licor de jenipapo, e das mucamas e das filhas dos barões...

Palavras novas, todas republicanas, não paravam de ser impressas, "opinião pública", "ordem e progresso", "soberania popular", "sufrágio universal".

Certa noite leu sobre uma estranha moléstia que vinha atacando pessoas do povo.

Duas ou três vezes por semana os serviços sanitários e as casas beneficentes encontravam corpos sem uma gota de sangue.

17 - Comprimento perigoso

Para o povo, o resultado prático da abolição da escravatura e do incentivo à imigração foi a formação de imensos cortiços e favelas, onde iam morar os escravos libertos abandonados à própria sorte e os estrangeiros fugidos dos trabalhos forçados nos cafezais.

Era lá que o Velho voltara a atacar.

Com sua estaca por baixo da roupa, Antônio subia os morros à noite, entre os barracos, ou percorria as vielas, entre os casarões decadentes onde famílias inteiras dividiam o mesmo quarto.

Enquanto as elites brigavam por privilégios, a maior parte das pessoas passava fome, andava sobre esgoto e enterrava seus filhos ainda bebês.

Os pobres eram tantos, e se estendiam por tantos lugares, que surpreender o Velho seria quase impossível.

Mas Antônio não desistia.

Nem os homens no poder. As lutas continuavam e eles permaneciam intransigentes, negando o quanto podiam aquelas conversas sobre República. E teriam ficado muito tempo nisso se o exército brasileiro não tivesse se metido.

Quando os ideais republicanos chegaram às tropas, a situação do imperador ficou difícil: os novos plantadores paulistas de café queriam o federalismo; os antigos, do vale do Paraíba, achavam que ele era um banana; os capitalistas ingleses, norte-americanos e brasileiros preferiam tratar com republicanos moderados liberais e os intelectuais e artistas urbanos já lutavam pela República há década. Sem o apoio do exército, simplesmente não deu mais.

A providência do governo foi marcar uma grande festa, para quatro mil convidados, na ilha Fiscal, no meio da baía.

Antônio leu a notícia rindo:

— Deve ser o único país do mundo em que os regimes se despedem com bailes.

E resolveu tentar pela segunda vez o plano de Domingos: caçar o Velho numa festa.

Sempre achava a ideia boa, apesar do fracasso da primeira tentativa. Dessa vez tinha um plano melhor, depois de sessenta e oito anos pensando no assunto.

À meia-noite mergulhou do cais do porto e nadou por baixo d'água até a ilha, o que não era difícil para quem não respirava.

Escondido entre as pedras, ao fundo de um pequeno gramado, esperou que algum convidado desgarrado se aproximasse. Teve sorte. Um homem afastou-se para fazer xixi, justo nas pedras. Antônio deu-lhe uma pancada na cabeça, só para desacordá-lo, vestiu suas roupas e entrou no salão.

Dessa vez não levava estaca de carvalho, marte-lo, espelho, nada... apenas um anel de prata, com uma pequena ponta voltada para a palma da mão, fina como um alfinete.

Os jornais da oposição haviam revelado os preparativos para aquela grande festa: dez mil litros de cerveja, trezentas caixas de vinho, champagne à vontade. O controle dos convites tinha sido muito rigoroso. Só o imperador não precisava apresentar o seu na entrada. Como Antônio imaginava, naquela hora todos já estavam bem alegres e despreocupados.

Fingindo-se de bêbado, circulou pelo salão, cumprimentando qualquer um que usasse farda ou casaca, fosse monarquista, liberal ou republicano. Fazia questão de entrar nos grupos fechados, expansivo, adivinhando a figura mais importante e a cobrindo de elogios, sempre apertando a mão de todos, até do próprio imperador.

Às três da madrugada vestiu o homem que ficara desacordado e voltou nadando para o porto, deixando para trás centenas de poderosos com uma estocada indolor de prata na mão.

Nos dias seguintes, leu ansioso os jornais e saiu pelas ruas atrás de novidades. Só no dia 14 de novembro, no final da tarde, escutou uma senhora comentando sobre a doença do ministro da Fazenda e presidente do Conselho de Estado, o visconde de Ouro Preto. Uma infecção na mão direita, que parecia gangrena.

Antônio correu até a chácara para pegar a estaca de carvalho e o martelo. Chegou à casa do político mais importante do Império no final da madrugada. Esgueirou-se pelo amplo jardim dos fundos,

escalou o pé de maracujá que subia pela treliça e procurou, pela janela, o quarto de dormir.

Encontrou o homem roncando, com o braço direito enfaixado sobre a cabeça.

Suspendeu silenciosamente a janela guilhotina, passou uma perna para dentro e... ouviu baterem na porta. Puxou a perna de volta e fechou a janela rápido.

Um empregado acordou o visconde, informando do que o marechal-de-exército Floriano Peixoto se juntara afinal aos republicanos, tirando o único apoio militar que restara aos monarquistas. E que o Campo de Santana fora ocupado pelos revoltosos.

Antônio, com a estaca de carvalho na mão, viu, sem poder fazer nada, os empregados invadirem o quarto para vestir o ministro, que partiu logo.

Seguiu-o até o Ministério da Guerra, junto ao Campo de Santana, esperando sempre uma oportunidade para pegá-lo a sós.

O prédio estava cercado. Uma tropa sublevada, vinda do quartel de São Cristóvão, começou a trocar tiros com outra, leal ao governo. Antônio passou por todos e entrou no ministério, invisível como uma flecha.

Já esperavam o visconde. Para comunicar que fora derrotado.

Lá de fora se ouviam os gritos de "Viva a República" e alguns tiros.

Nos primeiros raios da manhã do dia 15 de novembro um outro importante marechal, Deodoro da Fonseca, assumindo o comando das tropas revoltosas, entrou de cavalo e tudo no pátio do ministério.

O visconde de Ouro Preto desceu para falar com ele. Antônio seguia-o com movimentos rápidos, de um canto a outro, como um camundongo.

Ali mesmo o marechal dissolveu o ministério, proclamou a República e, o pior, prendeu o visconde.

Aconteceu então algo que só Antônio reparou. A sombra que o corpo de Ouro Preto projetava nas pedras do pátio do Ministério da Guerra alongou-se lentamente, procurando a escuridão de um corredor coberto.

Antônio sabia que aquilo era o Velho escapando novamente. Ele não ia se deixar prender. Sem pensar Antônio foi atrás dele. Um jovem oficial sacou uma garrucha de dois canos e atirou.

Sentiu os buracos se abrindo nas costas, as balas saindo no peito, mas não parou de correr, atravessou o corredor, o pátio interno, já sabendo que era inútil, que o Velho escapara novamente. Pulou como um lobo ferido o muro alto do quartel, subiu um morro e escondeu-se na mata, cavando um buraco e enterrando-se no chão úmido, como não fazia há séculos.

18 - Um novo vampiro

Três semanas depois da proclamação da República um velho negro tomara o maior susto de sua vida. Entrara no mato para fazer um despacho de macumba quando a terra se abriu a sua frente e um homem, nu e muito branco, pulou, com vermes e minhocas grudados por todo o corpo, cumprimentou-o e saiu andando calmamente.

Era Antônio, já recuperado dos tiros, e com uma firme decisão: ficar rico.

O último incidente havia sido a gota d'água. Precisava mudar tudo. O Velho não gostava do poder? Pois ele seria um poderoso também. E, com quatrocentos anos de experiência, agora sabia que o poder está onde está o dinheiro.

Nos primeiros dias enterrado chegou a desistir, a gostar da calma e do silêncio em que viviam os defuntos. Quis ficar ali para sempre. Depois, porque afinal estava meio vivo, tornou a sentir-se inquieto, com raiva, e um idiota, sempre perdendo para o Velho, tomando tiros e precisando se esconder.

Sou um vampiro! Tenho poderes!

Então traçou os planos para o futuro e, quando os ferimentos cicatrizaram, pulou da cova para agir.

Comprou roupas novas e saiu todas as noites para jogar cartas, limpando as mesas da alta sociedade do Rio de Janeiro e das vilas no caminho da ferrovia, até a cidade de São Paulo.

Tirava dinheiro de fazendeiros, altos funcionários públicos, donos de jornais, grandes comerciantes... Aceitava jóias, objetos de arte e até casas como pagamento.

Jogou obsessivamente, até poder comprar um casarão em São Paulo, no ponto mais nobre da cidade, a avenida Paulista, e uma casa confortável no bairro do Catete, no Rio de Janeiro.

Tomara a decisão de usar a intuição dos vampiros para guiar seus passos. Sentia que, com a instauração da República, o poder iria para São Paulo. Não se enganou.

Na virada do século 19 a classe que ditava as regras no país era a dos cafeicultores do Oeste paulista. A República vinha para servi-los.

A estrutura política mudara. Agora havia um presidente, com poderes para intervir nos estados, que por sua vez eram chefiados também por presidentes, mais tarde chamados de governadores, e

seriam eleitos pelo povo. "Todos" votariam, com exceção dos analfabetos, das mulheres, dos soldados e dos menores de idade. Quer dizer, 2% elegiam os representantes da nação...

Depois de um primeiro período conturbado, em que os militares se sucederam na Presidência, o Partido Republicano Paulista passou a ganhar todas as eleições e a escolher o presidente do Brasil. Os militares, que se sentiam os responsáveis pela República, não se conformaram em não presidi-la e passaram as décadas seguintes ameaçando tomar o poder à força, o que acabaria acontecendo.

Até 1930 os governos civis enfrentaram também monarquistas, místicos, separatistas e desconformes em geral, com a violência de sempre, que fazia os vampiros parecerem crianças inocentes.

São Paulo, com o dinheiro do café, e Minas, com o leite e o maior número de eleitores, se alternavam na Presidência por meio de eleições fraudulentas, assassinato de opositores e candidatos únicos.

Esse regime desagradava a todos que não se aproveitavam dele, a grande maioria dos brasileiros, que por essa época já somavam uns trinta milhões de almas. Mas, enquanto o café continuasse a render, nada podia ser feito.

Antônio canalizou parte dessa fortuna de exportação para seu bolso, desafiando "coronéis" no cartado ali mesmo, nas vizinhanças de sua mansão da avenida Paulista. Sentiam-se invencíveis. Não viam sequer um palmo diante do nariz.

Em 1905 tomaram o primeiro susto. Colheram quatro vezes mais sacas do que o mercado interno podia comprar. Se um produto sobra, seu preço cai. Com o café ia acontecer isso, se os "ba

rões" que o produziam não obrigassem o governo a comprá-lo pelo preço de sempre e estocá-lo. O mesmo aconteceu nos anos seguintes.

Para isso foi preciso, como sempre, pedir emprestado aos bancos estrangeiros e aumentar os impostos.

Vai começar outra revolução.

Para piorar, a Europa entrou em guerra. O conflito se expandiu pelo mundo. O café não era uma prioridade e os Estados Unidos deixaram de comprá-lo.

O exército brasileiro, sempre descontente, aliou-se às forças contrárias à política do "café-com-leite". Todos queriam acabar com o desvio de dinheiro público para a sustentação dos preços artificiais do café, principalmente os grandes proprietários dos outros estados e os novos industriais.

Surgem também novas formas de radicalismo político, trazidas pelos imigrantes europeus, como o anarquismo e o comunismo.

O que levava os cafeicultores paulistas ao poder, o aumento da produtividade e a mão-de-obra dos imigrantes, agora os destruía.

Antônio continuou a enriquecer com o jogo.

Além do carteado, em que sempre ganhava, apostava em corridas de cavalo, brigas de galo e lutas de boxe.

Como Domingos explicara, ser vampiro é for talecer o lado animal, é desenvolver os instintos de caçador, por isso ele podia sentir o cheiro do medo do galo perdedor, a maior energia vital do cavalo vencedor e as disposições de ânimo dos lutadores quando subiam ao ringue do Parque Antártica, em São Paulo. Raramente se enganava.

Usando apenas a intuição, quase sempre também ganhava em apostas no futebol, um esporte que crescia rápido como o século.

E foi essa mesma intuição sua maior fonte de renda com a invenção da loteria. Uma em cinco vezes Antônio era capaz de adivinhar os números sorteados.

Com tudo isso, acabou ficando milionário e pôde então realizar a segunda parte de seu plano.

No verão de 1929, entre as notícias alarmantes da queda da Bolsa de Nova York e seus vinte mil suicídios, os leitores dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Correio da Manhã*, no Rio, puderam ler, na seção de classificados, um discreto e misterioso anúncio:

Contrato jovens, sem laços familiares e com disponibilidade para viajar. bom salário. exijo sigilo total. mandar foto e endereço para a caixa postal número...

As cidades cresciam. Seiscentas mil pessoas em São Paulo, mais de um milhão no Rio. As pequenas indústrias, principalmente de tecelagem, absorviam alguma mão-de-obra, mas o desemprego era geral.

Bastaram os dois anúncios para Antônio reunir centenas de cartas.

Analisando as fotos, escolheu intuitivamente dez pessoas em cada cidade para formar a sua confraria secreta.

Encontrou-se separadamente com cada uma, em lugares públicos, e ofereceu altos salários em troca de um serviço muito estranho: seguir homens importantes, fotografá-los, submetê-los a testes como espetadelas com alfinetes de prata e luzes intensas nos olhos, verificar se tinham facilidade de enxergar no escuro, se assustavam os cães, gatos e pássaros, se possuíam reflexos rápidos demais e uma energia sobre-humana.

Os escolhidos não sabiam uns dos outros, nem quem era ele ou onde morava. Receberiam os nomes dos homens que teriam de investigar e mandariam os relatórios para a caixa postal indicada.

Teriam também de investigar mortes suspeitas, gargantas cortadas, furos no pescoço, cadáveres sem sangue...

Não poderiam falar sobre o trabalho com nin guém. A quebra de sigilo, Antônio deixou claro, can celava o acordo e podia custar a vida do infrator.

Ele pagava bem. Nenhum deles recusou o emprego.

Com a equipe formada, o vampiro instalou um escritório na casa do Catete, outro na avenida Pau lista, e começou a caçada ao Velho.

A República foi um problema para Antônio. Com o federalismo, não havia mais um só grupo no poder, como no absolutismo, mas vários, e espalha dos por todo o país, principalmente nas capitais dos estados mais ricos.

A única forma de acompanhar essa situação era através da imprensa.

Pela manhã um jornaleiro italiano deixava na porta do vampiro uma pilha com os principais jor nais do Brasil, governistas e oposicionistas, e ele começava a trabalhar. Um de seus poderes, o da rapi dez de movimento, incluía também a leitura e ele passava as páginas velozmente, se inteirando dos movimentos políticos e econômicos por todo o país. Detinha-se apenas nas fotos, tentando intuitivamen te captar no olhar de um figurão a alma escondida do Velho.

Dessas leituras selecionava suspeitos, enviava os nomes a seus investigadores e esperava os relatórios.

Nos jornais também conferia os números da lo teria, as noites de boxe e os páreos no jóquei.

O Rio passara a ser Distrito Federal, e o governo central instalara-se no Palácio do Catete, a poucas quadras da casa de Antônio.

Naturalmente ele mantinha sob vigilância os principais suspeitos: o presidente do Brasil, naqueles dias o paulista Washington Luís, seu vice, alguns políticos próximos, e os governadores de São Paulo e Minas Gerais.

Políticos de outros estados também mereciam sua atenção, como o governador do Rio Grande do Sul, que subira ao poder como um meteoro, conse guindo unir as duas forças antagônicas que por lá brigavam há décadas. Era baixinho, tinha cara de esperto e não saía dos noticiários. Chamava-se Getúlio Vargas.

É energia demais.

Mandou investigá-lo.

Em 1930, apressada pela sucessão presidencial, a crise estourou. Pressionado pelos banqueiros ingleses e americanos, Washington Luís teve de negar novos financiamentos aos produtores paulistas de café e parou de comprar a safra excedente. Para piorar a situação, violou a política do "café-com-leite" não apoiando o presidente mineiro, Antônio Carlos de Andrada, e sim o paulista, Júlio Prestes.

Minas Gerais, revoltada, se uniu aos coronéis nordestinos, representados pela Paraíba, e ao Rio Grande do Sul, formando um bloco político pode roso, a Aliança Liberal, para concorrer à Presidência da República.

O candidato escolhido foi, naturalmente, Getúlio Vargas, que estava em todas. Seu vice era o presi dente da Paraíba, João Pessoa.

Perderam. Mas Júlio Prestes não tomaria posse.

Antônio teve certeza no instante em que viu a foto de meia página do vice de Getúlio Vargas, João Pessoa. Lá estavam, reveladas por um colari nho aberto, as duas marcas de dentes no pescoço!

Colocou dois homens na Paraíba, um para segui-lo e outro percorrendo delegacias e hospitais. Os relatórios não deixaram dúvida. João Pessoa era desajeitado, tinha fobia e, mais importante que tudo, nas favelas em torno da capital do estado vinham aparecendo corpos sem sangue!

Antônio fez as malas. Entre as roupas, a esteira de carvalho e o martelo de madeira. Subornou um piloto e voou para Recife, capital de Pernambuco, a bordo de um avião militar governista. Era o dia 26 de setembro de 1930. João Pessoa estava por lá, fazendo comícios contra o resultado das eleições.

Seguiu-o pelas ruas, esperando uma oportunidade para acabar com ele.

Mas fizeram isso antes.

Naquele mesmo dia o governador da Paraíba foi assassinado, bem diante de Antônio!

Viu as balas entrando no corpo do homem, sua expressão de surpresa e raiva. O Velho estava lá dentro. E era obrigado a sair, porque o corpo que vestia teria de morrer.

A sombra escura deixou o cadáver e rodopiou até as árvores centenárias de uma praça.

Aquele assassinato seria o estopim. A revolução estourou. Tropas gaúchas avançaram para o Rio, tropas mineiras para São Paulo e no Nordeste os revoltosos tomaram as principais capitais.

Washington Luís foi deposto em outubro e Getúlio Vargas chegou à Presidência do Brasil.

Antônio, desanimado com mais uma tentativa frustrada, descobriu-se novamente em Recife, depois de três séculos, e resolveu matar as saudades, como faziam os mortais.

19 - No Brasil, o provisório dura muito

Depois do açúcar, do café e do leite, Antônio se perguntava o que sustentaria o Brasil a seguir.

Talvez a produção de xícaras. Ou de colherzinhas.

O novo governo, revolucionário e provisório, ficou no poder quinze anos.

Antônio não parou de dar trabalho a sua equipe de investigadores, periodicamente renovada e alimentada segundo as necessidades.

O Brasil ia mudando.

Os produtores de café agonizavam lentamente, e em seu lugar surgiam os industriais.

Muitas palavras novas apareciam e se firmavam, "integralismo", "fascismo", "trabalhismo", "tecnologia"...

A fotografia adquiria movimento e virava cinema. A voz humana chegava pelos ares através das rádios, pelos fios, com o telefone, e podia ser gravada em grandes bolachas e ouvida em gramofones.

Os aviões cortavam os céus. Antônio adorava viajar neles. Fazia longas excursões pelo Brasil, ia a lugares distantes, como a Amazônia, às fronteiras, conheceu todas as capitais.

Com prazer de imortal, gostava de admirar a evolução dos objetos. As penas virando canetas-tinteiro, depois máquinas de escrever; as garruchas, revólveres, metralhadoras; os trilhões, carros; as velas, lâmpadas; as casas, sobrados... os sobrados, prédios... os prédios, arranha-céus...

Mas, dos tempos modernos, duas invenções o deixaram feliz de fato.

Primeiro foram os cassinos. Um paraíso. Jogos de todo tipo e mulheres bonitas. Descobriu que com sua rapidez de vampiro podia colocar a bolinha da roleta sobre o número que quisesse sem ninguém ver. Frequentava o cassino da Urca, no Rio, o Quitandinha, em Petrópolis, e, de avião, os das outras capitais, aumentando a sua fortuna.

A segunda melhor invenção foi a geladeira. Agora podia comprar sangue de galinha ou de boi nos açougues e feiras e guardar em casa. Dois ou três copos por dia, bem gelados, asseguravam sua existência, e eram quase um prazer.

O presidente Getúlio Vargas fez o que quis. Fechou o Congresso, abriu, promulgou uma nova constituição, suspendeu os direitos constitucionais, instituiu eleições diretas e o direito de voto às mulheres, regulamentou relações trabalhistas entre patrões e empregados, deu direito a férias, seguros de saúde e salário mínimo, criou departamentos de censura, cassou mandatos, interveio nos jornais, deu um golpe de estado, mandou prender, colocou fascistas atrás de comunistas e deixou torturar e matar.

Como resultado disso tudo, formou-se uma legião de descontentes, que lutavam por liberdade para os presos políticos, convocação de eleições para presidente da República e formação de novos partidos.

Antônio, àquela altura com mais de cem investigadores mandando relatórios de todas as partes do país, não chegava a nada. Nem sinal do Velho.

Mandou seguir líderes fascistas, como Plínio Salgado, comunistas, como Carlos Marighela, e articuladores políticos, como Lourival Fontes, que aparecia sempre desganhado nas fotos. Checou chefes de estado, militares, donos de jornais, deputados e senadores. Nada.

Notícias sobre cadáveres com gargantas cortadas e sem sangue chegavam às vezes, mas dispersos pelas periferias das grandes cidades.

A cúpula do exército afinal, apoiada por boa parte da elite, de intelectuais e até dos banqueiros americanos, cercou o Palácio do Catete e destituiu o presidente em 29 de outubro de 1945.

Depois de tantas lutas, a oposição tinha finalmente sua oportunidade de chegar ao poder. Antônio se preparou para colocar seus investigadores atrás dos novos nomes... Mas quem chegou à Presidência foi um velho aliado de Getúlio, seu ministro da Guerra por dez anos, marechal Eurico Gaspar Dutra.

Nem sinal do Velho.

A única novidade, péssima para Antônio, foi o fechamento dos cassinos. Foi obrigado a jogar em roletas clandestinas ou em outros países.

Por outro lado, descobriu que o jogo do bicho agora pagava altos prêmios e ganhou um bom dinheiro adivinhando em sonhos o animal sorteado no dia seguinte.

Cinco anos depois, ao final do mandato presidencial, novas eleições e Getúlio, ele mesmo, retornou ao poder.

Pelo menos economizo nas investigações, já que os personagens são os mesmos.

Getúlio Vargas voltou pelo voto popular e apoiou-se nisso para se sustentar no poder. As palavras agora eram: "populismo", "nacionalismo", "imperialismo".

Após quatrocentos anos de escravidão e cinquentas de trabalho industrial mal pago, vivendo sem amparo, sem aposentadoria, sem direitos, o povo recebia com veneração cada migalha que caía da mesa dos ricos.

Getúlio virou o "Pai dos Pobres", "Apóstolo Nacional", "Guia da Juventude Brasileira", "Bom Velhinho".

Aos descontentes juntaram-se então seus antigos aliados, os fascistas, acusando-o de tendências esquerdistas, e trataram de depô-lo, numa campanha sem tréguas na imprensa.

Um personagem novo se destacou nessa fase: Carlos Lacerda — o diretor de um jornal oposicionista carioca.

Era conhecido como "O Corvo", e Antônio encontrou alguma coisa estranha em seu olhar. Mandou segui-lo. No relatório, além de fotofobia e reações negativas em animais próximos, uma suspeita séria: num atentado, Carlos Lacerda esquivara-se, num reflexo rápido demais.

A bala que era para ele acabou matando um major da aeronáutica e provocou revolta nas tropas. Em 23 de agosto de 1954, um grupo de militares lançou um manifesto exigindo a renúncia do presidente.

A cidade estava em pé de guerra. Carlos Lacerda vociferava nas páginas dos jornais. Antônio tentava há dias espetá-lo pessoalmente com um alfinete de prata, como teste final antes de cravar uma estaca em seu coração e acabar com aquela história, mas o jornalista era mantido sob a proteção de homens do exército dia e noite.

Na noite de 24 de agosto, vítima de uma estranha ansiedade, saiu de casa caminhando e embrenhou-se pelo escuro parque entre o Palácio do Catete e a avenida Beira-Mar.

Toda a nação esperava a reação de Getúlio Vargas ao manifesto.

Antônio escalou uma palmeira cuja copa ficava no nível da única janela iluminada, no terceiro andar do palácio.

Nem bem acomodou-se entre as folhas ouviu um tiro.

Em seguida as duas bandas da janela se abriram e ele viu uma sombra se contorcendo, querendo sair, mas presa a alguma coisa dentro do quarto.

Depois de tantos séculos, Antônio não tinha mais dúvidas quando via aquilo. Era a alma do Velho abandonando um corpo. Mas, pela primeira vez, o maldito estava com problemas.

Viu claramente uma forma humana, alongada, agarrada ao parapeito da janela, desesperada para sair... até soltar-se numa ponta, como um elástico, e cruzar o parque em direção ao mar.

As luzes se acenderam e Antônio soube então o que toda nação saberia em seguida. Getúlio Vargas se matara com um tiro no peito.

Ele mancou até sua casa, em sentido contrário ao da multidão que acorria ao palácio, deitou em sua rede preta e passou dias olhando para o teto.

Era Getúlio! O "bom velhinho" era o Velho! O tempo todo! E eu sou uma besta!

20 - Sem ter onde morder

Antônio não acreditou na versão de suicídio.

O Velho poderia até atirar contra o próprio corpo, para se livrar dele, mas nunca no coração... Uma bala no coração pode matar um vampiro, e foi por isso que a alma dele teve tanta dificuldade de sair do corpo de Getúlio. Alguém atirou. Só pode ser...

Após meses remoendo os fatos, concluiu apenas que o desgraçado do Velho não obedecia a nenhuma regra. Não podia se basear em coisa alguma para encontrá-lo. E as cidades cresciam demais. Impossível encontrar alguém numa multidão daquelas.

Passou anos desesperançado, mas não deixou de dar trabalho a seus investigadores. Fornecia a eles os nomes mais falados, como o do presidente seguinte, o mineiro Juscelino Kubitschek, ex-governador de Minas Gerais, e seu vice, o gaúcho João Goulart, ministro do Trabalho do segundo governo de Getúlio, já investigado antes.

Mudou-se para um apartamento de cobertura, de frente para a praia de Copacabana, e trocou seu casarão na avenida Paulista por metade de um prédio comercial luxuoso na mesma avenida, onde instalou um escritório supermoderno.

Contratava testas-de-ferro para efetuar todas essas negociações, advogados que faziam qualquer coisa por dinheiro, e continuava ganhando muito nos cassinos do exterior, como os de Las Vegas, onde ia mensalmente arrasar a banca.

Agora ficava a maior parte da semana no escritório paulista, indo em seu bimotor particular passar o sábado e o domingo no Rio.

Cercou-se dos aparelhos mais avançados, sem pre admirando a evolução dos objetos. A eletricidade penetrava em tudo. Surgiam liquidificadores, batedeiras, vitrolas, gravadores... A voz humana agora chegava junto da imagem, através da televisão, e isso facilitou seu trabalho de análise, procurando nos corpos em movimento os indícios da presença do Velho.

A moda então eram os carros, Antônio tinha um no Rio e outro em São Paulo, e os eletrodomésticos. Milhares de produtos precisavam ser fabricados em função deles: aço, ferro, asfalto, borracha, plásticos... o que gerava empregos nas cidades do Sudeste e atraía levas e levas de pobres de todo o Brasil.

Juscelino se propôs a modernizar o Brasil e a construir uma nova capital, bem longe.

Devem estar cheios de ver a cara do povo.

Precisou de muito dinheiro para isso e abriu o país de uma vez aos Estados Unidos.

O poder então fugiu para o mato e criou seu paraíso artificial: uma cidade só para eles.

Chamou-se Brasília.

A princípio Antônio achou incômodo o poder sair do eixo Rio-São Paulo, mas rendeu-se aos fatos e abriu um escritório na nova cidade. Depois descobriu que aquilo facilitava sua vida, pois mais uma vez, como nos velhos tempos da Monarquia, os poderosos se reuniam num mesmo lugar.

Nas eleições seguintes, em 1960, ganhou o ex-governador de São Paulo, Jânio Quadros.

Antônio mantinha trinta agentes no Distrito Federal, investigando suspeitos, entre eles o embaixador norte-americano, que mandava no país mais do que qualquer outro. Mas uma foto, publicada nas capas das principais revistas, o fez ter quase certeza de que o Velho havia entrado no corpo do próprio presidente.

O homem estava caminhando, com os pés trocados, um para a frente e o outro para trás, o corpo todo torcido, a roupa amarfanhada e um olhar de maluco.

Desajeitado assim, só pode ser ele.

Seu avião o deixou no aeroporto poeirento. Passou a tarde em seu escritório, lendo relatórios, e descobriu que corpos sem sangue surgiam regularmente nas cidades-satélites, para onde estavam indo morar os operários que construíram a cidade e agora não tinham mais emprego.

É ele! Só pode ser!

Quando a noite chegou, atravessou como um fantasma a Esplanada dos Ministérios e circundou o Palácio da Alvorada, procurando o presidente através das paredes envidraçadas.

Encontrou-o acordado, vestido como um caça dor africano, bebendo uísque sozinho.

Soube na hora que o Velho não estava naquele corpo. Vampiros detestam álcool no sangue e nunca bebem, ainda mais a sós.

Por isso o sujeito é desajeitado...

Voltou para Copacabana, fugindo da poeira da capital federal, mas manteve sempre contato e aumentou as investigações na cidade. O Velho esta va lá. Podia sentir.

Pouco depois, em agosto de 1961, Jânio sur preendia o país apresentando sua renúncia, dizendo que "forças ocultas" o estavam obrigando àquilo.

Forças ocultas! Só pode ser o Velho!

As suspeitas caíram sobre o vice, que assumiria a Presidência, ninguém menos que João Goulart.

É, ele de novo...

Colocou três homens vigiando-o, dia e noite. Não viram o novo presidente fazer nada suspeito. Investigou também seu cunhado, Leonel Brizola, que agitava o governo do Rio Grande do Sul e unia os movimentos de esquerda.

Não conseguiu nada.

João Goulart, desde quando ministro do Trabalho de Getúlio, criara inimigos poderosos, se res ponsabilizando pelos atos populistas em favor dos trabalhadores, como aumentos de até cem por cento no salário mínimo. Pulando de vice em vice, ele agora chegava à Presidência.

Os Estados Unidos, vendo nele tendências so cialistas e nacionalistas perigosas, convenceram os militares a darem um golpe.

No dia 31 de março de 1964 os militares, sem pre achando que haviam instaurado a República e aproveitado muito pouco dela, voltaram ao poder e iniciaram um período obscuro e sangrento, de cau sar enjôo até num vampiro.

Para Antônio, apenas uma vantagem. O corpo do presidente imposto pelo golpe, o marechal Castelo Branco, nunca poderia abrigar a alma do Velho simplesmente porque não tinha pescoço.

21 - A imortalidade plastificada

As mortes por total anemia continuavam, poucas, mas semanais, nas cidades-satélites, nas vilas vizinhas e até em tribos indígenas que ainda tentavam sobreviver para os lados da Amazônia, conforme os relatórios.

Antônio concentrou suas atenções em Brasília. Chegou a ter duzentos agentes investigando e sub metendo a testes os suspeitos.

Quanto aos próprios presidentes militares, que se sucederam por vinte anos no poder, nenhum lhe pareceu abrigar a alma do Velho. Como cães de guar da, eram ferozes e pareciam desajeitados, mas por ser vilismo e pouca inteligência.

Quem mandava no Brasil agora eram as empre sas estrangeiras, conhecidas como multinacionais, e seus parceiros locais, políticos, intelectuais, tecnocratas e sócios industriais.

As palavras que Antônio aprendia agora, para se manter atualizado, eram em inglês.

As Forças Armadas serviam para manter a ordem necessária, fechando o Congresso, suspendendo ga rantias constitucionais, cassando direitos, censuran do, torturando e matando.

As suspeitas do vampiro recaíam nos figurões dos bastidores, um chefe de gabinete civil, um articulador político, um intelectual pago em dólar para produzir editoriais nos jornais, donos de revistas, grandes empresários e banqueiros, o embaixador norte-americano...

Mas lia e relia os relatórios que não paravam de chegar... e nada.

Antônio continuava admirado com a evolução dos objetos. A televisão agora era em cores, e o que ela transmitia ia substituindo a realidade. Mensagens eram jogadas para o alto, quicavam em satélites artificiais e voltavam para cair no ponto do planeta que se quisesse. As balas acertavam os alvos sozinhas, os trens andavam por debaixo da terra e os humanos ricos viviam cada vez mais, substituíam os órgãos com defeito por similares de plástico.

Partiam-se os átomos, revelavam-se os vírus, pisava-se na Lua e, o que mais impressionava Antônio, os humanos iam aos poucos reproduzindo certas capacidades mentais artificialmente, em aparelhos chamados computadores.

O vampiro foi um dos primeiros a ter um em casa, e aumentou sua fortuna usando a capacidade de armazenar dados da máquina para jogar em todas as loterias, estaduais e federais, em todas as bancas de bicho, em bingos de igreja, no mercado de ações e em todas as promoções do comércio anunciadas nas rádios e nas televisões, ganhando casas, centenas de eletrodomésticos, carros, motos e viagens com acompanhante.

Só o que não evoluía era a mesquinha da maioria dos humanos, principalmente dos ligados ao poder.

Política deve ser uma tendência ruim que a pessoa tem.

Antônio comprou uma lambreta, depois a trocou por uma moto japonesa. Circulava pela noite de Copacabana, pedindo *bloody*

mary nos bares e substituindo por sangue gelado, tão rápido que ninguém percebia.

A pílula anticoncepcional liberava o sexo. As roupas diminuía de tamanho. As drogas rolavam, apesar de todos serem contra.

Mas o Brasil sempre viveu delas: açúcar, tabaco, café...

Foi na década de 70 que Antônio não resistiu e, pela primeira e última vez, mordeu o pescoço de uma mulher, durante um pôr-do-sol na praia de Ipanema.

Ela havia fumado um baseado e ele passou uma semana doidão, contando a todos que era um vampiro.

Não parou de analisar relatórios e jogar, tudo através do computador, que a cada dia diminuía em tamanho e aumentava em velocidade.

Apesar de toda a tecnologia, nada do Velho.

Os tempos iam mudando, as ditaduras deixavam de ser necessárias e caíam de podre. Conseguia-se muito mais controle das pessoas manipulando o dinheiro e a informação do que censurando, torturando e matando.

Pressionados, os militares concordaram em promover uma abertura, mas "lenta e gradual". Foram atropelados por manifestações populares de massa, como nunca ocorrera no país, com milhões de pessoas ocupando as ruas e exigindo eleições diretas.

No dia 10 de abril de 1984 Antônio alugou uma suíte de hotel, de frente para a rua Presidente Vargas, no centro do Rio de Janeiro, e de lá assistiu impressionado a quase um milhão de pessoas que, incentivadas por discursos de políticos, gritavam "Diretas já!".

Da janela, tomando sangue de galinha gelado, teve certeza de que dali para a frente, com aquela impressionante demonstração de união do povo, o Brasil nunca mais seria o mesmo.

Estava enganado.

22 - Bigode suspeito

Na manhã do dia 14 de março de 1985, Antônio recolheu a correspondência em sua caixa postal de uma agência em Copacabana, como fazia quase diariamente depois da praia. Abriu os envelopes em seu escritório refrigerado ouvindo um disco de chorinho e leu, logo no primeiro relatório: um de seus investigadores conseguira espetar um alfinete de prata na barriga de um político e o homem agora se encontrava à beira da morte, com uma infecção intestinal.

— Mas é o Tancredo! O presidente!

Tancredo Neves, um mineiro há cinquenta anos na política, fora eleito em janeiro. O primeiro civil depois de vinte anos. Não por eleições diretas. Articulações entre as elites haviam derrubado essa possibilidade no Congresso, traindo o desejo dos milhões de brasileiros que Antônio vira nas ruas.

Em eleições indiretas, votado por um Colégio Eleitoral composto pelos próprios congressistas, Tancredo saiu presidente, tendo como vice justa mente um dos líderes do movimento contra as eleições diretas.

Mandara investigá-lo sem muita esperança. Era um homem tão pequeno que parecia impossível para a alma do Velho caber dentro dele.

Voou para o escritório na capital federal. Os noticiários eram alarmantes. O presidente nem tomou posse, marcada para o dia seguinte, 15 de março.

Na noite de 21 de março de 1985, Antônio penetrou sem ser notado no Hospital de Base de Brasília, vestiu roupas de enfermeiro roubadas na lavanderia e entrou no quarto do paciente com a desculpa de trocar o soro.

O homem estava péssimo, inconsciente, cuspindo a manter-se vivo depois de duas cirurgias no intestino e das altas doses de antibióticos.

Olhou bem para ele e teve certeza:

— Esse não dura muito. Se o Velho estava dentro dele, já foi.

Voltou ao escritório com a sensação de que havia alguma coisa errada por ali e resolveu ficar em Brasília, para acompanhar os acontecimentos de perto.

De fato, Tancredo nem chegou a assumir a Presidência. Morreu de infecção generalizada no dia 21 de abril de 1985. E seu lugar foi ocupado pelo vice, sobre o qual caíram as suspeitas de Antônio!

Ele gosta de ser chamado de imortal! E o bigode que usa... só pode ser algum tipo de disfarce!

Querendo acreditar que afinal estava na pista certa, depois de tantas décadas, mandou investigá-lo, submetendo-o durante meses a todos os testes, repetidas vezes. Teve de concluir que, mais uma vez, não chegara a nada.

Mas as mortes não paravam de acontecer e agora, com o computador ligado a outras fontes de dados em todo o país, como os arquivos da polícia e dos hospitais, descobria com regularidade corpos encontrados com a garganta rasgada, e sem uma gota de sangue, nas favelas de todas as capitais.

As distâncias encurtavam. O Velho podia sair de Brasília para chupar o pescoço de um pobre gaúcho e estar de volta em três horas. E, se fosse político, nem pagava a passagem.

A caçada ficava cada dia mais difícil.

Até que, pesquisando em jornais velhos, leu uma declaração do último presidente militar, nos corredores do Congresso, em uma visita, anos depois de deixar o poder: "Ué? Estão todos aqui? Só quem saiu fui eu".

23 - Final de milênio

A pista que Antônio precisava estava naquela frase. Num país onde o poder se reforma, transforma, renova, mas nunca muda, trocam-se apenas os reis ou presidentes, o resto fica.

Em suas duas últimas aparições, como Getúlio Vargas e seu vice, João Pessoa, o Velho havia sido baleado e quase morto. Na certa, depois disso, escolheria alguém mais discreto. Um político profissional, do tipo que não quer ficar em evidência, mas que passa a vida toda junto ao poder.

Nem um empresário, que possa falir, nem um articulador político, a quem podem tirar o apoio, nem um condutor de massas que venha a se tornar indesejável. Não, ninguém importante demais que precise ser eliminado quando a situação virar.

Antônio trancou-se em sua cobertura e começou a trabalhar.

Quatro civis já haviam passado pela Presidência, combatendo e criando uma inflação galopante, e deixando algumas palavras em evidência, como "pacote econômico", "choque heterodoxo", "moratória", "ajuste fiscal", "arrocho salarial" e "lava-gem de dinheiro".

Instauraram uma ditadura econômica menos violenta, mas tão perversa e ineficaz quanto a outra, dando a Antônio a certeza de que o seu plano é perfeitamente capaz de fazer o contrário do que fala.

Usando o computador, que agora cabia dentro de uma pequena pasta e se conectava a milhares de outros, no mundo inteiro, acessou o banco de dados dos jornais mais importantes e arquivou na memória milhares de páginas com reportagens sobre política, cobrindo os últimos cinquenta anos no Brasil. Em seguida, um programa selecionou os nomes que apareceram nesse período, segundo a quantidade de vezes e a constância.

Depois arquivou todas as fotos de solenidades do governo desde 1950 e passou semanas analisando cada uma delas.

E então um personagem se destacou.

Lá estava ele, em todas, sempre um pouco atrás, alto e magro como um vampiro. Seu ar era sinistro. Participava de todos os governos. Era católico praticante, o que no Brasil sempre foi um bom alibi para se cometer as maiores baixarias, e ideal para esconder uma alma de vampiro.

Sempre muito discreto, de preto, os assessores comentavam seus estranhos hábitos. Chegava antes de todos ao gabinete, saía por último.

Esse eu vou investigar pessoalmente.

O mundo agora baseava seu sustento na substituição de um objeto pelo outro, em prazos cada vez menores.

As palavras da moda eram "descartável", "virtual" e "obsoleto".

A vida para os vampiros não estava fácil. O sangue das pessoas podia vir com aids, hepatite e drogas pesadas. O dos animais era uma porcaria também, contaminado por hormônios e agrotóxicos.

Os fios estavam desaparecendo. Dos telefones, dos microfones, dos aparelhos de televisão, dos rádios, das antenas. O próprio cordão umbilical ia virando coisa do passado.

Faziam-se pessoas em ampolas de vidro e, num futuro próximo, cada um poderia tirar uma cópia de si mesmo a partir de uma célula, transplantar a memória para o clone e viver para sempre. Os vam piros teriam companhia.

Mas na certa só os ricos vão ser imortais.

Antônio chegou a Brasília num final de tarde seco, em janeiro de 1999. O presidente reeleito tomara posse há poucas semanas e o Congresso fer vilhava, excitado pela perspectiva da criação de um novo imposto: a cobrança de contribuição para a aposentadoria dos próprios aposentados.

Mancou pela Esplanada dos Ministérios, espe rando a noite cair. Nos amplos espaços da capital era fácil controlar o movimento das pessoas.

O homem que procurava saiu do prédio tarde da noite e caminhou até o estacionamento deserto. Dois seguranças vinham na frente. Antônio os reconheceu. Havia sido seus investigadores, déca das atrás, e tinham sumido misteriosamente.

Só que eles continuavam jovens!

E o reconheceram também.

Entendeu tudo em segundos. Partiu como um raio e atravessou com uma faca de prata o pescoço de um deles.

O homem gritou e caiu se debatendo, com o rosto já se tornando negro. Antônio achou que teria tempo de pegar o outro de surpresa também, mas sua mão foi segura no ar, seu pulso foi esmagado e a mão decepada rolou, ainda segurando a faca.

Caiu de joelhos e olhou para o homem magro e alto, atrás do segurança, que apenas balançou a cabeça, sorrindo, entrou no carro e foi embora.

Antônio então compreendeu tudo.

24 - Uma visita importante

Como lhe dissera um marujo quinhentos anos antes, depois de uma violenta tempestade que quase virou a caravela onde estavam, "o que salva alguns homens é não saber desistir".

Teve de forçar os dedos para que largassem a faca. Guardou a mão no bolso, voltou ao escritório e a fixou ao braço com ataduras. A carne, as veias e o osso se uniram imediatamente. Em poucas semanas recuperaria todos os movimentos.

Permaneceu em Brasília.

Dos janelões envidraçados de seu escritório via os gramados da avenida Monumental e, ao longe, o Congresso Nacional, com suas cúpulas brancas refle tindo a lua cheia.

Havia telefonado para o gabinete do vice-presi dente da República e marcado o encontro. Ele chega ria a qualquer momento.

Foi pontual.

À meia-noite a campanha tocou.

Cumprimentaram-se em silêncio, Antônio ofe recebeu-lhe a confortável poltrona de couro preto e sentou-se na ponta de um pequeno sofá.

— Obrigado por ter vindo — disse. — Aceita um copo de sangue de pato gelado?

— Obrigado. Já jantei.

— É a primeira vez que ouço sua voz num outro corpo. É estranho.

— Você continua sensível, Antônio. Ainda não experimentou sangue humano?

— Só uma vez e pra nunca mais...

— Depois de cinco séculos...

— Cinco séculos... — repetiu Antônio.

— O tempo passa.

— Pois.

Sorriram.

— Perdemos o sotaque — disse o outro.

— Somos brasileiros agora.

— Boa terra. Grande povo. Como dizem hoje em dia, todos "sangue bom".

Ficaram um tempo em silêncio, olhando a noite através dos vidros da janela.

— Você veio aqui porque se acha invencível, não é? — perguntou Antônio.

— E não sou? Mas a história teria de acabar.

— É. Então por que não se revelou antes? Por que fez isso comigo? São perguntas que venho me fazendo há cinco séculos.

— Você queria acabar comigo.

— Mas, se eu não tinha nenhuma chance, que diferença fazia?

— Esqueceu qual é o maior problema dos vam piros? O tédio da eternidade...

— Quer dizer que o tempo todo... foi tudo brincadeira? Apenas uma distração para você?

— Eu me diverti bastante, se quer saber. Você não?

Falavam pausadamente, com longos intervalos em silêncio.

— Nunca quis ser vampiro.

— Essa era a melhor parte. Você é completa mente maluco, sabia? Como pode querer ser um homem mortal, limitado, pegando gripe, morren do atropelado, precisando de óculos para ler, levan do e trazendo os filhos do colégio, preso num con gestionamento...

— É a vida. Gosto dela.

— Diga-me... mesmo agora, depois de convi ver com a humanidade durante quinhentos anos, conhecendo todos os seus defeitos... sabendo que esses defeitos são tão eternos quanto nós... ainda quer voltar a ser um homem?

Antônio apoiou a mão esquerda no braço do sofá e ficou mexendo os dedos, exercitando a mão reimplantada.

— Você é vampiro há tanto tempo que nem lembra mais o que é a vida — disse. — Testemunhou por meio milênio os horrores de que é capaz a natureza humana e mesmo assim quer voltar a...

— Sua má impressão dos homens é compreen sível. Sempre conviveu com os piores.

Novo silêncio.

— Às vezes eu achava que você sabia o tempo todo, Antônio.

— Não sabia, não.

— A idéia dos investigadores foi boa. Me diverti muito com eles. E os truques falsos para pegar vam piro? Puxa, como eu ri depois, lembrando de você perseguindo o José Bonifácio com o espelhinho.

— Nem era gordo...

— Quis dificultar um pouco as coisas.

— E esse nome... Velho... É verdadeiro?

— Não. Inventado.

— Por que me mordeu?

— Por raiva mesmo. Depois que se transformou num vampiro é que pensei no que fazer com você.

Voltaram a ficar em silêncio. Na tela do moni tor, peixes coloridos passavam de um lado para o outro. Antônio continuava a exercitar os dedos, agora sobre um largo botão de madeira que enfeitava a ponta do braço do sofá.

— Gostou do corpo que estou usando agora? — perguntou o outro.

— Encaixa perfeitamente.

— Pois é. Por isso fiquei tantas décadas dentro dele. Parece sob medida. Muito confortável mesmo. Achei que você ia me reconhecer logo, mas demorou...

— A semelhança é grande, mas não podia imaginar. Soube no nosso último encontro. Aí, tudo se encaixou...

Antônio o olhou nos olhos e sorriu. Seus dedos batiam de leve no botão de madeira.

— A brincadeira acabou.

O indicador apertou o botão.

Dentro do espaldar da poltrona uma mola saltou-se, impulsionando uma pequena estaca de carvalho que rasgou o couro e atravessou o corpo do outro por trás, bem na altura do coração.

Antônio permaneceu sentado o tempo todo.

O vice-presidente pulou para a frente e caiu sobre o tapete, gritando e se contorcendo. Conseguiu arrancar a estaca! O ferimento logo cicatrizou e ele chegou a rir.

Mas em seguida voltou a estremecer, entrou em pânico e acabou rígido como uma pedra. Uma sombra escura saiu de seu corpo... mas não foi longe. Parou no vidro fechado de uma janela e escorreu para o chão. Aos poucos foi se tornando sólida... e ainda se debatia um pouco quando afinal se transformou em Domingos.

Antônio levantou-se e ajoelhou a seu lado, acompanhando o tempo avançar vários séculos em minutos, a pele murchar, os ossos

virarem farinha, até não restar mais nada do vampiro além de uma poeira preta sobre o assoalho.

Debruçou-se sobre ela e aspirou com força.

Seu dedão do pé direito voltou a doer.

O vice-presidente respirava normalmente. Colocou-o deitado no sofá. Quando acordasse, lembraria daquilo como um sonho.

Não havia mais nada de Antônio naquele escritório. Tomara cuidado de apagar todas as pistas.

Apanhou uma vassoura atrás do armário do banheiro e varreu os restos de Domingos para baixo do tapete. Espirrou.

Antes de sair, telefonou para o melhor restaurante de Brasília, confirmando a reserva e o pedido. Lascas de bacalhau frito no azeite e vinho tinto rascante.

Fim